



EM GUARDA

ANO 1

Para a defesa das Américas

N. 12

GENERAL GEORGE C. MARSHALL, CHEFE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO DOS ESTADOS UNIDOS





O PRESIDENTE VARGAS — LÍDER DO BRASIL EM GUERRA

O BRASIL ENTRA NA GUERRA

A GRANDE nação brasileira, respondendo ao desafio dos consecutivos ataques às suas linhas de comunicações dentro de suas próprias águas territoriais, declarou guerra à Alemanha e à Itália. FE-lo num gesto característico de nação digna, ciosa da sua soberania. Sua atitude toma inconfundível caráter de defesa da dignidade, da soberania, liberdade e segurança de tôdas as Américas.

Uma semana após o covarde torpedeamento de cinco de seus navios, com numerosas perdas de vida de seus cidadãos, o Brasil declarou a existência do

estado de guerra — trazendo assim, para a luta partilhada por 28 nações, os inestimáveis recursos naturais, industriais e agrícolas e a contribuição das bem organizadas forças de terra, do mar e do ar, de uma nação de 45.000.000 de habitantes, que se levanta em péso, indignada contra as bárbaras imposições da força bruta.

Torna-se, portanto, o Brasil, a primeira nação sul-americana a ser forçada à guerra pelo insólito ataque do Eixo, e reúne-se às onze outras repúblicas irmãs — Costa Rica, Cuba, República Dominicana,

Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá e Estados Unidos — ora em armas contra as potências agressoras que estão tentando conquistar o mundo.

O Brasil se esforçou sinceramente para manter-se em paz. Suas simpatias e interesses, naturalmente, são afins com os das outras nações americanas, de conformidade com a Declaração de Havana, segundo a qual um ataque feito por uma nação não-americana contra a soberania de qualquer nação americana, constitui um ato de agressão contra

Como era de esperar, os protestos do povo brasileiro contra as barbaridades alemãs, fazem-se ouvir energicamente na praça pública, clamando pela guerra



EM GUARDA é publicada mensalmente para o BUREAU DO COORDENADOR DE ASSUNTOS INTERAMERICANOS, Commere Building, Washington, D. C., pela Business Publishers International Corporation. Redação: 330 W. 42nd Street, Nova York. Oficinas: 6601 Chestnut Street, Filadélfia. Classificada como impresso de segunda classe no Correio de Filadélfia, Pensilvânia, E.U.A., a 8 de Abril de 1941, de acordo com a lei de 3 de Março de 1879. Ano 1, No. 12.

tôdas. A Conferência de Chanceleres do Rio de Janeiro não se havia ainda encerrado, e o Brasil já havia rompido relações diplomáticas e comerciais com as nações do Eixo, e manifesto praticamente a sua colaboração a bem dos interesses do nosso hemisfério.

Quando submarinos alemães começaram a atacar navios brasileiros que se dedicavam ao comércio intercontinental, o Brasil limitou-se a protestos diplomáticos. O primeiro desses ataques verificou-se em menos de três semanas após o rompimento de relações com a Alemanha, Itália e Japão, em fins de Janeiro, tendo sido o vapor "Buarque" a primeira vítima, a 13 de Fevereiro. Dois dias depois, outro navio, o "Olinda", era torpedeado. A 7 de Março ia ao fundo o "Arabutan", vítima de outro torpedo alemão. E desde 23 de Março que o "Cabedelo" desapareceu misteriosamente. A sua perda foi seguida pelo afundamento do "Parnaíba", a 1 de Maio, e subsequentemente pelo torpedeamento do "Gonçalves Dias", "Alegrete", "Pedrinha", "Tamarandé", "Barbacena", "Comandante Lira" e "Rio Branco", ao todo, três navios. Em sua maioria, achavam-se completamente carregados e entregues ao legítimo comércio continental americano. Durante os primeiros meses de guerra contra

os Estados Unidos, os submarinos alemães haviam feito seus ataques quasi que à vontade em águas americanas, porque a marinha dos Estados Unidos dispunha de poucas unidades anti-submarinas a serem afastadas do necessário serviço de comboio de tropas e abastecimentos para as zonas de guerra na Europa, Oriente-Médio e no Pacífico. Mas em Agosto, a rápida produção de navios para escolta, a extensão do serviço de patrulha aérea e a organização de comboios, já haviam tornado cada vez mais perigoso para os submarinos aventurem-se em águas norte-americanas. Esses submarinos voltaram, pois, suas atenções para o sul, a-fim de continuar suas depredações em pacíficas águas brasileiras.

E na noite de 15 para 16 de Agosto, nada menos de cinco navios brasileiros eram torpedeados dentro de 20 milhas da costa, enquanto faziam suas viagens regulares de cabotagem entre portos brasileiros. Dentre os passageiros, destacavam-se numerososromeiros que haviam ido assistir o Congresso Eucarístico de São Paulo. Um dos navios, o "Baependi", conduzia um contingente de 120 soldados, que iam sendo transferidos, em serviço normal, de uma para outra região militar do país. Dentre as vítimas dos ataques dos submarinos,

havia centenas de mulheres e crianças. Foi, assim, uma agressão feita diretamente contra navegação de cabotagem, empenhada em atividades pacíficas, que não poderia favorecer ou prejudicar nenhum país beligerante. Os navios eram de passageiros e navegavam fóra de qualquer zona de guerra ou área bloqueada. E porque se destinavam a portos brasileiros, não poderiam ser suspeitos de estarem transportando carga destinada aos inimigos do Eixo. O ataque dos submarinos alemães constituíram verdadeiros atos de guerra.

Dessarte, em 22 de Agosto, o governo brasileiro declarou formalmente a existência de um estado de guerra, afirmando que, antes de 15 de Agosto, a atitude do Brasil em face das depredações cometidas pelos alemães, havia sido de simples protesto contra a violação das normas de direito internacional e dos princípios de humanidade que regem a guerra no mar. Os protestos reafirmavam a sua intensão de manter-se em paz.

O Brasil não poderia ter dado maiores provas da sua tolerância e de suas pacíficas intenções, conforme afirmou o seu próprio governo, ao declarar a existência do estado de guerra.

Não há negar, portanto, que a Alemanha e a Itália praticaram atos de guerra contra o Brasil,

criando uma situação de beligerância que forçou o país a reconhecê-la não somente a bem da defesa de sua própria dignidade, soberania e segurança, como também com relação à defesa das Américas.

O Brasil foi recebido expressiva e entusiasticamente no seio das Nações Unidas.

"Com essa decisão, solenemente tomada, o povo do Brasil cerra fileiras com os povos livres do mundo na luta sem tréguas contra as potências desenfreadas e predatórias do Eixo", afirmou o Presidente Vargas, "decisão que vem dar mais força, moral e material, aos exércitos da liberdade. Como companheiros de armas, nossos soldados e marinheiros perpetuarão mais uma página na história já repleta de provas de amizade, confiança e cooperação que têm marcado, desde os primeiros dias da independência, as relações entre nossos países. A decisão hoje tomada pelo vosso governo vem apressar o advento da inevitável vitória da liberdade contra a opressão, da religião cristã sobre as forças do mal e das trevas."

Pela situação do país—a apenas 2.500 quilômetros através do Atlântico-sul, de Natal à África—pela sua posição econômica e destaque moral e



O chanceler Oswaldo Aranha, símbolo da conciliação diplomática, ladeado pelo almirante Aristides Guilhem e general Eurico Dutra, símbolos da força armada para a qual teve o Brasil de recorrer em defesa da sua honra

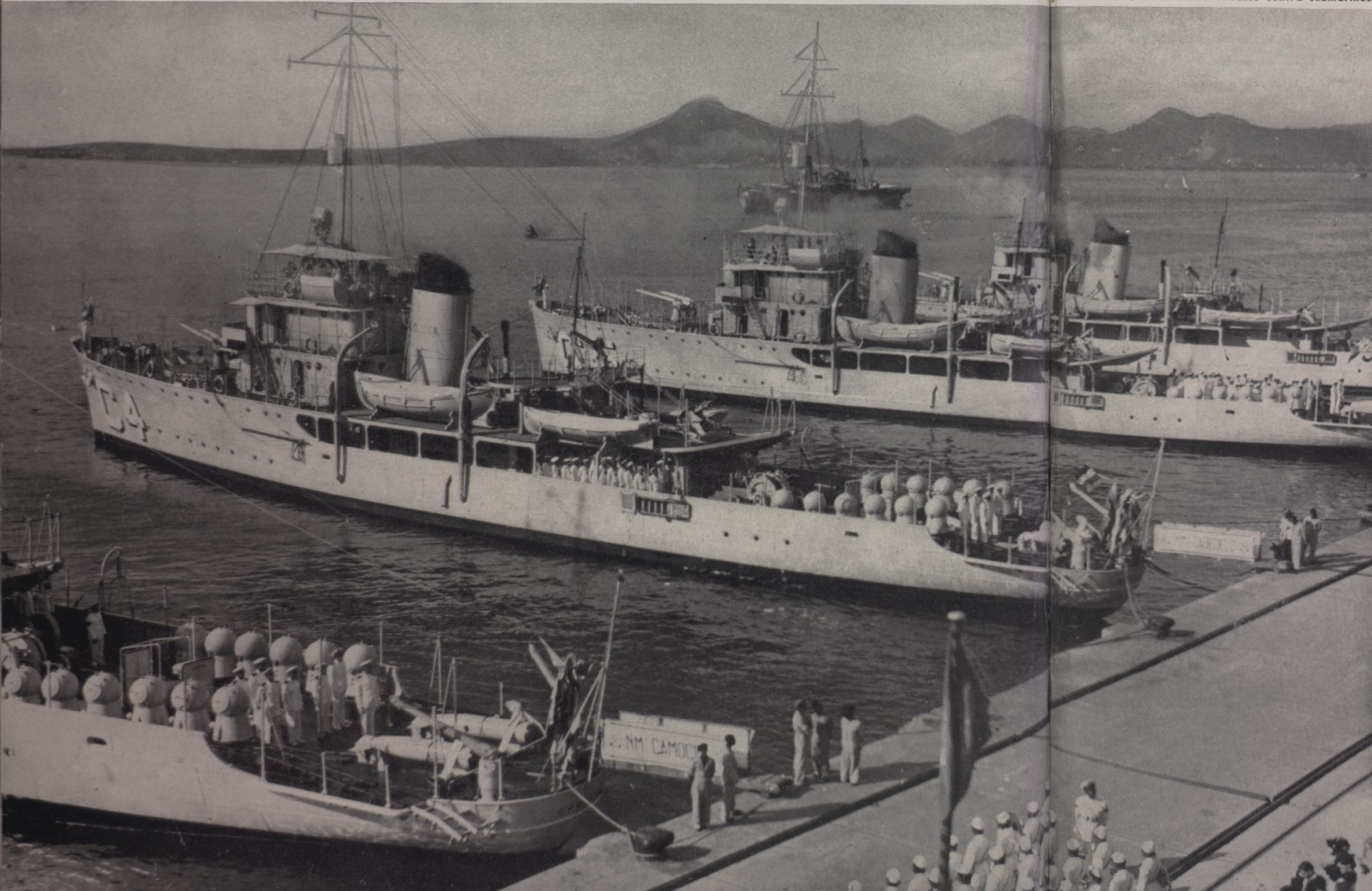


Como em tantos outros países americanos, o Brasil também tomou precauções contra agentes nazistas, como estes, que são agora internados na Ilha das Flores, a-fim de evitar suas perigosas atividades em espionagem e sabotagem



Fôrças motorizadas do exército brasileiro, modernas e guarnecidas por verdadeiros especialistas, são a última palavra na preparação do maior país da América, neste momento em que se decide o direito dos povos soberanos

A grande tarefa da marinha brasileira é patrulhar uma vasta extensão de costa naparte do Atlântico. Modernas unidades ligeiras de patrulha, como as que se vêem na imagem abaixo, serão muito eficazes contra submarinos





Com um exército cujo efetivo é considerável e conta com numerosas reservas de tôdas as armas, o Brasil está bem aparelhado para defender qualquer ataque contra o estratégico saliente do seu nordeste

A Escola Militar do Brasil, uma das melhores no gênero, nada deixa a desejar quanto às necessidades do momento. Em baixo: Cadetes, familiarizam-se com o manejo do moderno morteiro de trincheira



espiritual no continente sul-americano, o Brasil entra na guerra como um dos mais valiosos aliados das Nações Unidas.

Como gigantesco empório de matérias-primas de guerra, o Brasil não somente fará sentir o efeito da sua contribuição nesse sentido, como tornar-se-á também ativo centro industrial, verdadeiro arsenal que cooperará para que os recursos bélicos das Nações Unidas se coloquem em nível quantitativo acima de qualquer miragem de competição por parte das potências do Eixo.

Quanto a matérias-primas, as minas do Brasil fornecerão ainda em maior quantidade, produtos estratégicos vitais, por isso que dispõe o país da quinta parte do manganês existente em todo o mundo; possui a metade do berilo, elemento importante para o enrijecimento de todos os metais; é rico em bauxita, usada na fabricação de alumínio para aeroplanos; diamantes industriais, dos quais é a única fonte no continente, e é também o único exportador de titânio, próprio para a fabricação de ferramentas, assim como é o único produtor no mundo, do quartzo de superior qualidade, empregado na fabricação de rádios, de aparelhos reveladores de submarinos e aviões, de alças de mira e periscópios; sircônio, para munições, óleo de mamoma, para motores de grande velocidade; cânhamo, para cordas; couros, de aplicação em aviões, tanques e navios; paina, para salva-vidas e crescente quantidade de borracha.

Além dessas contribuições materiais que servirão para apressar a decisão final da guerra, o Brasil trás não menos valiosa contribuição moral, que se fará refletir dentro e fóra do hemisfério. A sua entrada na guerra foi a última pá de cal nos esquemas nazistas de conquista e dominação por meio da intimidação sistemática, que sujeita as nações vítimas desses preparativos priliminares da "nova ordem", à guerra de nervos que lhes enfraquece a fibra e deixa-as inertes em face do perigo.

Mas, conforme bem acentuou o Secretário de Estado Cordell Hull, em vibrante mensagem ao Ministro Oswaldo Aranha, o caso do Brasil assumiu caráter inteiramente contrário às expectativas de Hitler e Mussolini.

"Hoje, declara o Sr. Hull, um golpe formidável foi desferido contra as nações do Eixo, golpe sentido moral e militarmente, quando uma grande nação pacífica e respeitadora dos tratados, vê-se forçada a recorrer às armas em sua legítima defesa contra atos não-provocados de inominável barbarismo. Não foi, para meus compatriotas, surpresa alguma, haver a digna nação brasileira preferido os riscos e dissabores da guerra, quando confrontada com a ignomínia de ataques à sua dignidade e soberania. O ato das potências do Eixo, ao atacarem vosso grande país e seu brioso povo, é mais uma demonstração de que essas potências atacarão qualquer nação pacífica, sempre que, a despeito de considerações de humanidade e do direito internacional, o ataque possa servir aos seus propósitos de conquista do mundo. O fato também vem realçar o princípio básico no qual se apoia a solidariedade das Repúblicas Americanas—isto é, que um ataque contra qualquer uma delas é um ataque contra tôdas. Cada uma das vinte e uma repúblicas estão hoje expostas ao mesmo perigo."

A guerra que veio forçar a participação do Brasil, revela-se agora claramente em seus aspectos referentes ao Hemisfério Ocidental. Nem a determinação de alheiar-se uma nação ao conflito, nem os seus esforços para tolerar excessos injustificáveis, podem servir ao plano premeditado das potências da opressão e prepotência, que se enfeixam sob a capa do Eixo. Elas não se satisfazem senão com a aquiescência absoluta, a renúncia completa a qualquer direito de reagir aos seus desígnios de escravização total.

Parece, entretanto, faltar-lhes certos conhecimentos básicos da história dos povos do Novo Mundo. A luta que caracterizou a independência de cada um deles do jugo de primitivos dominadores, deixou profundamente marcada, a sua disposição para manter a todo custo a liberdade conquistada.

Nem seria de outra significação o esforço que vem tomando impulso definitivo nas Américas, e que se prende exatamente à manutenção de estrita harmonia e solidariedade em todos os aspectos da vida interamericana. É que o espírito que anima a cada um de seus povos a manter intácta a soberania de sua pátria, alastra-se e se manifesta no espírito de solidariedade que agora os reúne, não somente para o benefício comum dos proventos do progresso continental, como para concentrarem-se todos em frente única contra ameaças ao seu bem estar.

O GENERAL GEORGE MARSHALL

POUCO depois de terminar a primeira guerra mundial, um amigo do general John J. Pershing perguntou-lhe quem era o melhor soldado do exército dos Estados Unidos. O general não hesitou: "É o coronel Marshall." Pershing referia-se a George Catlett Marshall. E a precisão do seu conceito pode ser verificada pelo fato de ser atualmente chefe do estado-maior o oficial que ele havia enaltecido com tanta franqueza.

A complexa função que atualmente cabe ao exército dos Estados Unidos requer perfeita maestria na sua direção. Quando em 1939, a guerra já toldava os horizontes da Europa, o Presidente Roosevelt voltou suas vistas para a completa reorganização das forças militares do país. Necessitava, porém, de um elemento de destaque na profissão das armas, um homem que reunisse em si as qualidades de comprovada cultura, preparo técnico e competência, capazes de habilitá-lo a organizar a defesa da nação e do próprio continente americano.

Em Setembro de 1939 o Presidente escolheu aquele que lhe inspirava absoluta confiança e fê-lo chefe do estado-maior do exército. Tratava-se do general George Catlett Marshall. Desde então, tem o ilustre militar visto crescer o seu exército, e tem-no ajudado na sua expansão de um efetivo de poucas centenas de milhares de homens, para o enorme conjunto de vários milhões. Como chefe do estado-maior de um dos maiores exércitos do mundo, ele é neste momento de conflagração universal, um dos homens que mais enfeixa o poder em suas mãos. Entretanto, é um de seus traços característicos permanecer modesto, atencioso, inefenso a tudo que possa dificultar a entrosagem do mecanismo militar da nação. Esta é uma das razões do prestígio e popularidade de que goza o chefe do estado-maior.

Para a reorganização que o Presidente tinha em vista, era mistér um vasto plano no qual se incluiria um efetivo de milhões de homens a serem preparados de acôrdo com os mais modernos ensinamentos militares. E urgia também a delineação de uma estratégia militar para enfrentar qualquer ataque contra as Américas e, si preciso fosse, para organizar expedições que teriam de entrar em ação em várias partes do mundo.

A maneira como tem o general Marshall correspondido à expectativa do Chefe da Nação, tem-no imposto ao respeito e à confiança de seus concidadãos e dos chefes aliados que acompanham o desenvolvimento do poderoso exército americano.

A formação de um exército moderno, por ser acentuadamente um conjunto de especialistas, só pode efetuar-se em curto espaço de tempo, como no caso dos Estados Unidos, com o desfalque de numerosos elementos técnicos das profissões civis. Na incorporação do soldado-cidadão, atualmente, é conveniente levar em linha de conta as aptidões profissionais e vocacionais dos incorporados. A preparação militar do país funde-se, portanto, com a sua preparação civil. Não há, em suma, apenas o problema imediato do chamamento dos cidadãos às armas; há também um outro realmente mais importante, que é o de conservar a vida civil-industrial do país em condições de equipar e manter o exército com tôda a seiva de que carece um organismo para funcionar perfeitamente.

A execução desse objetivo avulta pela sua significação nacional, e ao mesmo tempo empresta ao papel dos líderes militares do país, uma função que transcende a tudo quanto até então se havia realizado para organizar uma nação para a guerra. E' nesse particular que se destaca a percepção

e capacidade do general Marshall como chefe do estado-maior de um exército cuja preparação, organização e expansão já está superando, em vários sentidos, às gigantescas proporções das forças militares que os Estados Unidos puseram em pé de guerra em 1918.

Quando se aprestavam as tropas do país, então na França, para a sua ação no setor do Mouse-Argone, o tenente-coronel Marshall teve ensejo de revelar o seu profundo senso de preparação militar. Sua foi a elaboração e execução de um plano para a movimentação de 820.000 homens para o ataque de surpresa contra os alemães. Tudo foi feito em absoluto segredo, em 14 dias, e verificou-se ser essa uma das operações militares mais importantes da guerra, dêse a participação norte-americana. E desde então, o atual chefe do estado-maior viu-se cercado de um prestígio que se tem justificado constantemente pelas provas da sua extraordinária capacidade profissional.

Ao iniciar-se a primeira guerra mundial, Marshall era capitão. Serviu nas forças expedicionárias e tomou parte nas batalhas de Cantigny, Aisne-Marne, St. Mihiel e Meuse-Argone. Quando foi declarado o armistício era então tenente-coronel, tendo recebido várias condecorações, dentre as quais a Medalha de Relevantes Serviços, a Medalha da Vitória, a Cruz de Guerra da França, com a palma, e a Legião de Honra.

Ao voltar da guerra continuou exercendo funções de responsabilidade, destacando-se a de ajudante de campo do General Pershing, a de comandante do 15º Regimento de Infantaria, estacionado na China, a de diretor de Planos de Guerra, do estado-maior e, em 1939, pouco antes de assumir o cargo atual, a chefia da missão militar em visita ao Brasil.

O general George C. Marshall, e seus assistentes. Sentados: Tenente-general H. H. Arnold, chefe da Aviação Militar; general Marshall; tenente-general Leslie McNair, chefe das forças de terra. De pé: Major-general J. T. McNarney, chefe da Reorganização do Departamento da Guerra, major-general Brehon B. Somervell, chefe da Intendência da Guerra





Numa das ilhas do Pacífico, recentemente transformada em poderosa base de forças de terra e mar dos Estados Unidos. No tranquilo e pitoresco ambiente formado por lindas palmeiras, e que tanto tem servido para romantizar a região, um capelão do exército celebra a costumeira cerimônia religiosa que trás aos combatentes valioso conforto espiritual



Saltando de barcos pneumáticos de borracha, tropas navais de desembarque entram em ação no litoral, procurando consolidar suas posições através do ataque direto protegido pelas baterias dos vasos de guerra e de aviões de base terrestre ou de base flutuante. Foi assim que os japoneses se viram surpreendidos recentemente nas Ilhas Salomão

A FRENTE DO PACÍFICO

O ATAQUE da esquadra americana na área das Ilhas Salomão, a 10.000 milhas da Califórnia, veio alterar a direção da guerra no Pacífico. Foi uma ofensiva contra a frota japonesa, cujo poder já havia sido reduzido na batalha do Mar de Coral e consideravelmente enfraquecido pela derrota subsequente de Midway.

A força naval nipônica que bateu em retirada para suas bases, por ocasião desse último encontro, perdeu 20 navios afundados ou avariados, destacando-se quatro porta-aviões dentre os primeiros e três couraçados dentre os últimos. As perdas inimigas atingiram assim a um total de mais de 200 unidades de guerra e transportes afundados ou avariados durante estes seis meses de guerra.

Entretanto, os japoneses conseguiram manter considerável território estratégico e estavam fazendo do grande porto de Tulagi, nas Ilhas Salomão, uma base que iria ser verdadeiro entrave à ofensiva aliada contra o Japão. Para essa iniciativa, parecia haver três caminhos a seguir: do norte da Austrália, das ilhas Aleucias, com base no Alaska, e através do Pacífico central, com pontos de apoio nas ilhas Wake e Guam.

Para prevenir o ataque que pudesse partir do Alaska, os japoneses ocuparam as ilhas de Kiska, Attu e Agattu, no grupo das Aleucias. As ilhas de Wake e Guam estavam protegidas por meio de bases secretamente construídas pelo Japão, contra a própria letra do seu compromisso perante a Liga das Nações. E no sudeste do Pacífico pretendiam eles fortificar a sua base em Tulagi, com o



Dos transportes seguem constantes reforços para as tropas cuja posição já está estabelecida na praia. O elemento surpresa já não é mais uma arma das forças atacantes. Trata-se agora de garantir a avançada com superioridade numérica sobre o inimigo e manter contato com as forças de apoio



Barcaças de fundo chato fazem o transporte de artilharia e demais equipamento pesado. Depois de encalhadas, do costado da pôpa abrem-se as pranchas para o desembarque do material, pronto para ser usado no assalto. As barcaças têm grande capacidade de carga, podendo transportar até tanques, conforme se fez no ataque contra os japoneses



Quando se efetua um desembarque d'esse gênero, as tropas têm por objetivo manter suas posições, necessitando por isso de abastecimentos. Aqui vemos a tropa usando as barcaças para êsse fim

intuito de também manterem-se firmes na Nova Guiné e Nova Britânia.

Foi quando se achavam os japoneses executando êsse trabalho, que os americanos atacaram. A sua aviação militar e a australiana investiram contra os aërodromos inimigos, num assalto fulminante, de surpresa, destruindo imediatamente 18 hidro-aviões, que nem chegaram a levantar vôo.

Ao mesmo tempo, a infantaria de marinha americana entrava em ação, em suas operações de desembarque, apoiada pelas baterias de cruzadores e destroyers. E havendo dominado os japoneses, fizeram numerosos prisioneiros, enquanto que as forças navais abatiam mais 18 aviões que pretendiam impedir o desembarque dos fuzileiros.

Durante a segunda noite de operações, vários cruzadores e destroyers inimigos tentaram atacar os transportes de tropas e de abastecimentos dos Estados Unidos, empenhados na ocupação do litoral. Por sua vez, cruzadores e destroyers americanos interceptaram o inimigo e, num renhido encontro quasi que à queimadura, rechaçaram-no antes de poder o mesmo causar qualquer dano ao seu objetivo. Conforme era de esperar, em operações dessa natureza, as perdas das forças atacantes, nos primeiros dias, foram consideráveis. Houve o afundamento de um cruzador, dois destroyers e avarias num transporte. Mas os japoneses também tiveram muitas perdas; a extensão das mesmas ficou, entretanto, temporariamente encoberta pela sua retirada.

Depois de dez dias de combate, a marinha americana informava



Últimos momentos de um destroyer japonês indo a pique. Esta extraordinária fotografia foi tirada através do periscópio do submarino norte-americano que, minutos antes, o havia torpedeado. A insígnia do Sol Nascente, numa das torres é excelente ponto de referência para aviões. Os traços à esquerda e a linha ao centro são graduações do periscópio

que "as posições tomadas por suas forças achavam-se garantidas e consolidadas." Fuzileiros e marinheiros estavam prestes a terminar o objetivo da sua anunciada missão — dar combate aos japoneses e forçá-los para fóra da área de Tulagi, cujo porto se presta para uma das melhores bases navais.

A ação das forças atacantes prosseguiu então contra as linhas inimigas de abastecimentos. Aviões das Nações Unidas, na Austrália, mantiveram-se em incursões seguidas contra pontos japoneses de embarque em Nova Guiné e Nova Britânia, e submarinos americanos encarregaram-se do ataque constante às vias marítimas usadas pelo inimigo.

Simultaneamente com a ofensiva na área das Ilhas Salomão, a esquadra intensificava a sua ação contra forças nipônicas na ilha de Kiska, a 7.000 milhas ao norte, impedindo-lhes qualquer consolidação ao longo da costa do Alaska. Nêsse ataque, as posições principais do inimigo foram destruídas por tremendo bombardeio em que tomaram parte unidades navais e aviões. Verificou-se também o afundamento de um destroyer japonês e graves avarias em dois transportes. As forças americanas perderam apenas um avião.

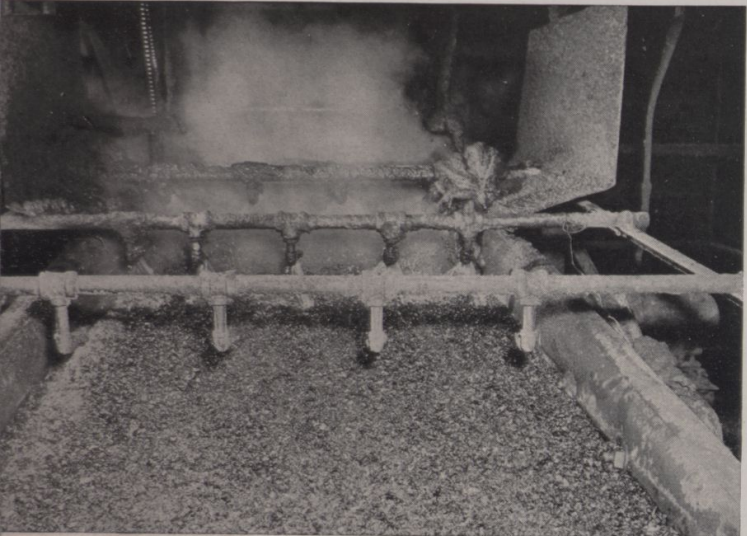
Dessarte, a esquadra alterou o aspecto da guerra no Pacífico, quando arrebatou aos japoneses a iniciativa de ataque, obrigando-os a manterem-se na expectativa de novos e, certamente, piores assaltos, mas sem saber onde nem quando. E aos poucos, estão os japoneses verificando a precariedade da sua posição, insustentável em face da crescente superioridade da base na Austrália.



Tanques médios destinados às forças expedicionárias norte-americanas na Austrália, e recém-chegados a um de seus portos, recebem as últimas demão para entrarem em ação na grande ofensiva



1 Mais valiosa que uma mina de ouro é esta pilha de artigos de borracha — uma das milhares conseguidas durante a campanha de arrecadação para a vitória, promovida pelo governo



2 A borracha usada é primeiro cortada em pequenos pedaços, desulcanizada e (acima) lavada a vapor para remover suas impurezas. Não se perde um simples átomo do produto



3 Fólhas de borracha emergem na fábrica de reconstrução do produto. Podem ser agora usadas na maioria de aplicações em equipamento de guerra, como se fôra borracha nova



Hilda Sussman, Henrietta Morrisand e Susan Balint, alunas de uma escola de New York examinam parte dos 500 quilos de borracha que conseguiram reunir, durante a recente campanha de arrecadação de borracha usada, e que constituiu verdadeiro "record"



O porta-bicicleta substituiu os pontos de estacionamento de automóveis na fábrica de aeroplanos na costa do Pacífico. Desta maneira os operários industriais economizam gasolina e borracha para o esforço de guerra. O hábito generaliza-se por todo o país



Desta e outras pilhas de ferro-velho virão 40 milhões de toneladas de precioso elemento necessário às usinas de aço, este ano. Há aqui de tudo que anteriormente era considerado apenas "ferro-velho", mas que agora passa a ser ótima matéria-prima

ECONOMIZAR PARA A VITÓRIA

As fábricas dos Estados Unidos estão atualmente sedentas de material para produzir armas aos milhões. As matérias primas do hemisfério têm contribuído e continuam contribuindo valiosamente para satisfazer essa necessidade. Mas a produção atingiu a tal ponto que os materiais já não chegam mais. A organização de planos para a arrecadação de tudo quanto é material usado tornou-se necessária, a-fim de aumentar os outros suprimentos. É assim mais um passo para assegurar a vitória. Nessa iniciativa, a nação inteira está tomando parte. A população

civil está fazendo sacrifícios na certeza de que o aumento da produção significa vitória. Conquanto a produção não seja o único fator para a bem sucedida prossecução da guerra, o formidável efetivo combatente mobilizado pelas Nações Unidas torna-se inútil sem o material bélico indispensável para equipá-lo. A participação civil na guerra assume, pois, a forma de assegurar a manutenção da produção, a despeito de todos os sacrifícios. Nas repúblicas do hemisfério, sacrifícios também estão se verificando em considerável escala, num reflexo da sua contribuição para a vitória. Muitas nações americanas estão a receber apenas uma fração dos produtos manufaturados e gêneros alimentícios que antes costumavam receber dos mer-

cados norte-americanos. E por isso, vêem-se cada vez mais na contingência de economizar e recorrer ao racionamento, da mesma maneira como está fazendo a população dos Estados Unidos. Mas para cada um desses sacrifícios, há a compensação de ver-se aumentada a produção bélica, aproximando dessa forma o dia da paz, no qual poderá ser reencontrado e melhorado o intercâmbio normal. O povo dos Estados Unidos de há muito se havia acostumado a ver o comprador de ferro-velho, em seu carro desengonçado, tirado por um cavalo pavoroso, percorrendo as ruas, na compra de objetos inservíveis. Frequentemente, muito pouco conseguia ele conseguir durante uma semana inteira. Agora é o governo que pede a todos para

dar busca rigorosa em todos os recantes domésticos, nos sótãos e porões, e vender ao "ferro-velho" tudo que é objeto inservível de metal e de borracha, e até roupas que antes eram atiradas fóra. A guerra veio tornar essa arrecadação fator importante em face do esforço de expansão do poder bélico da nação. Metade do aço necessário ao gigantesco programa de armamentos, tem de vir de material de segunda mão. Vinte por cento do alumínio da produção este ano de 60.000 aviões, são procedentes de alumínio já usado. Papel velho também é necessário para fabricar cartuchos e caixas para munição. E a maior parte dessa verdadeira "mina em cima da terra" está vindo dos lares de um povo em armas.

Em tempo de paz, tôda dona de casa nunca deu maior atenção aos numerosos artigos e objetos de uso comum, de metal, ao tornarem-se inúteis. Mas agora, em tempo de guerra, ela está reconhecendo o seu inestimável valor. E tais coisas, como um par de galoças velhas, um saco de água quente, cuja borracha já está deteriorada, um pacote de cartas antigas, pares de meias furadas e latas vazias, passam a constituir atualmente artigos valiosos.

Até mesmo cêbo, gordura e tôdas as matérias graxas que se acumulam em tôda cozinha, estão agora valorizadas. O governo precisa disso para produzir glicerina que, por sua vez, serve para a fabricação de explosivo necessários nas linhas de fogo. De maneira que, a dona de casa guarda as gorduras e depois as entrega ao açougueiro local que, por sua vez, envia para a repartição competente. Mais de um bilhão de quilos de gorduras foram desperdiçados nas cozinhas dos Estados Unidos, em 1940.

Ao iniciar a campanha para a coleta de materiais usados, Donald Nelson, presidente da Junta de Produção de Guerra afirmou: "A nossa produção de guerra é limitada unicamente pelo abastecimento de matérias primas, e os objetos usados são parte importante do abastecimento dessas matérias. A única maneira de enfrentar as necessidades da produção de guerra, é arrecadar tudo quanto é ferro-velho nas cidades e nos campos, e de todas as firmas comerciais e empresas industriais no país."

Isto foi um verdadeiro toque de rebate para a população civil. Foram imediatamente organizadas comissões para apressar a coleta de material usado, com o fim de suprir as fábricas do país. Cada Estado organizou suas entidades compostas de voluntários, agindo sob as ordens diretas do governador. E em 421 centros industriais, ficou estabelecido um serviço completo de ligações para ativar a campanha e proceder à coleta em todos os recantos do país.

A própria indústria particular organizava a sua campanha de divulgação, pelo rádio e pela imprensa, levando ao público a urgência da iniciativa e incitando a todos a cooperar para a realização do grande objetivo nacional. As indústrias do ferro e do aço, promoveram a reunião de um fundo de um milhão e quinhentos mil dólares para custear a campanha. A indústria de maquinária agrícola reuniu-se ao movimento, animando a coleta de ferro-velho em tôdas as sítios, granjas e fazendas.

Um dos exemplos mais típicos do valor de material usado encontra-se na indústria siderúrgica — a indústria

pesada sôbre a qual recai a maior parte da responsabilidade da produção de armamentos. Essa indústria trabalha numa base de metade de ferro-velho e metade de ferro gusa. Alguns dos melhores aços são feitos inteiramente com ferro já usado e provindo de tôdas as origens. Portanto, a metade do material que entra em cada tanque, cada navio ou cada submarino é composto tanto de ferro-velho como de aço.



George Brown, de 10 anos entrega pessoalmente o produto da sua coleta para aumentar a capacidade de produção de guerra de sua pátria

A produção de aço dos Estados Unidos tem aumentado rapidamente — de 67 milhões de toneladas, em 1940, a um verdadeiro "super-record" de 83 milhões em 1941. A produção de 1942 já ultrapassou a de 1941, mas o propósito da indústria é atingir a sua capacidade máxima de 90 milhões de toneladas — cifra que excede à produção reunida do mundo inteiro. Mas de maneira a chegar a esse total, torna-se necessário conseguir 6 milhões de ferro-velho e aço usado, existentes em forma de centenas de objetos, peças e acessórios espalhados por todos os pontos do país. Dos depósitos de automóveis velhos, está saindo considerável quantidade, mas há numeroso equipamento ferro-viário e material de pontes que também contribuem para a formidável coleta. Esta é a única solução do problema de manter em produção permanente e crescente o manancial de armas e munições necessárias às forças das Nações Unidas.

Existe, felizmente, grande parte desse precioso material nos Estados Unidos, conforme se verifica pelo fato de se encontrarem, somente em suas fazendas agrícolas, ferro e aço velhos para construir tantos couraçados quantos os que existem atualmente no mundo; ou bombas aéreas de tonelada em número suficiente para lançar três por minuto, incessantemente, durante mais de três anos. A busca do material ativa-se pela certeza de que até mesmo uma pá velha fornece elemento para fabricar-se quatro granadas de mão.

A arrecadação de borracha usada é outra fase aguda desse intenso programa nacional de guerra. A perda das fontes do produto, das Índias Ocidentais Holandesas, veio forçar essa iniciativa, porque borracha e petróleo são igualmente necessário na guerra mecanizada moderna. O seu abastecimento tem de ser mantido, e o desenvolvimento de fontes dentro do hemisfério, juntamente com a arrecadação sistemática de borracha servida e a conservação daquilo que for possível, contribuem grandemente para equilibrar os "stocks" e o consumo. O próprio racionamento de gasolina nos Estados Unidos tem como razão secundária a conservação da preciosa goma que se contém nos pneus dos 32 milhões de automóveis do país.

Para dar idéia da importância da borracha como material essencial à guerra, basta ilustrar com o fato de ser necessária uma tonelada do produto para a construção de um avião-bombardeiro. Só um pneumático de automóvel consome mais de cinquenta quilos de borracha. E um couraçado de 40.000 toneladas exige 90 toneladas da "hevea brasiliensis."

A quantidade de borracha crua usada anualmente na fabricação de elásticos consumidos dos escritórios comerciais e em geral, nos Estados Unidos, daria para fabricar depósitos de gasolina à prova de bala para 300 bombardeiros pesados. E a borracha empregada em lapis, servirá agora para 200.000 máscaras contra gases. A lista das aplicações do produto é enorme e prova a sua grande necessidade para a vitória.



Esta via-férrea, abandonada desde 1937, entra em uso novamente.

Seus trilhos ligarão acampamentos militares, e o resto irá para as grandes usinas de aço



1 Tudo quando é gordura arrecada em cozinhas, é agora cuidadosamente conservada para suprir as fábricas de explosivos com esse elemento de grande aplicação, e que até então era desperdiçado em quantidades consideráveis



2 O refrigerador doméstico é o depósito provisório de tôda gordura amumulada. Sem esse recurso, a gordura se tornaria rançosa e perderia grande parte do seu valor na aplicação a que se destina. Esta é condição essencial



3 Depois de acumulada em casa, a gordura é levada ao açougue local, que se encarrega de enviá-la à repartição oficial a cargo da sua distribuição pelas várias fábricas de explosivos. O governo paga por essa valiosa contribuição



O general Jorge Ubico, Presidente da Guatemala, ao passar em revista, recentemente, as forças armadas da república, na Cidade de Guatemala, a capital-federal. A sua montada é um presente oferecido pelo Presidente Avila Camacho, do México. Há anos que o exército guatemalteco tem a assistência técnica de oficiais do exército dos Estados Unidos

Guatemala

SEU SÍMBOLO É O "QUETZAL,"
A AVE DE LIBERDADE

A GUATEMALA está fazendo sua valiosa contribuição para a guerra, sob a liderança do seu presidente, general Jorge Ubico, um soldado-estadista de extraordinária energia, matemático e há anos experimentado nos ardis das intrigas nazistas.

As forças militares da república acham-se alerta em pontos de mágnia significação para o continente americano. A fim de sustar qualquer tentativa de agentes do Eixo para estabelecer contato pelo rádio com submarinos ou navios corsários em suas águas territoriais, o litoral do Pacífico está sendo constantemente patrulado, assim como as regiões montanhosas e densas florestas, as ricas plantações de banana situadas no vale de Motagua, e o litoral da baía de Isabel, no Mar das Antilhas.

O Presidente Ubico estabeleceu as bases para a defesa de seu estratégico país, muito antes de começar a guerra, mantendo sob estrita vigilância todos os elementos nazistas residentes no país. Ainda em 1933, já se destacava o presidente pela sua enérgica censura ao ministro alemão, por pretender levar a efeito uma espécie de "plesbicito" entre a colônia alemã, a respeito da anexação nazista da Áustria. Pouco depois, o presidente ordenou o fechamento de todas as associações germânicas e proibiu as atividades de caráter político de quaisquer estrangeiros na Guatemala, através de um decreto aplicável tanto a simples indivíduos como a representantes diplomáticos e consulares. No mesmo dia em que os Estados Unidos declaravam guerra ao Japão, a Guatemala também fazia o mesmo. E quando chegou a vez de os Estados Unidos declararem guerra à Alemanha e à Itália, a república centro-americana, no dia seguinte, tomava a mesma atitude.

Logo que romperam as hostilidades, o Presidente Ubico decretou a suspensão das garantias constitucionais aos cidadãos do Eixo, residentes na república e colocou-os sob rigorosa observação das autoridades, sujeitando aqueles que eram proprietários de plantações de café e açúcar, a impostos adicionais sobre toda a produção, impostos destinados a custear as despesas com a defesa nacional. Ao mesmo tempo, eram congelados todos os fundos e créditos de indivíduos ou empresas constantes da lista negra americana. E todas as comunicações pelo rádio, telegrafo ou telefone passaram a ser permitidas unicamente em espanhol e inglês, ficando proibido o uso de códigos.

O governo assumiu depois o controle das vendas e trocas de novos automóveis, caminhões e pneus, controle que se estendeu às transações comerciais que envolviam ferro, aço e borracha, decretando ainda a redução no consumo de gasolina.

O general Ubico, antes de assumir a presidência em 1931, havia sido governador provincial, deputado federal, chefe do estado-maior do exército e ministro da Guerra. No governo da república, adotou importantes reformas de ordem social, nos mesmos princípios daqueles que adotara quando governador de província. Parte importante desse avançado programa foi a reabilitação dos índios Maias, que se viram assegurados em seus direitos à subsistência, na terra sua e de seus antepassados, que sempre souberam dignificá-la durante os séculos anteriores à sua conquista pelos espanhóis.

"Quando eu era governador de Alta Verapaz, pude verificar as privações a que se sujeitavam os índios e resolvi contribuir com o meu esforço para libertá-los de tal situação, declarou o Presidente Ubico. E quanto mais conheço o selvícola, mais me convenço de que não merece ele o tratamento que lhe dão, e que é dever de todo guatemalteco ajudá-lo a melhorar as condições de vida daqueles que por natureza são nossos próprios irmãos e legítimos donos da terra de que nos apropriamos." Em virtude desse firme propósito, disseminou-se o ensino entre os selvícolas, inclusive o profissional e agrícola, sendo também adotadas rigorosas medi-



Os cadetes dos colégios militares da Guatemala desfilam marcialmente perante a tribuna oficial durante uma recente demonstração de preparação para a defesa da estratégica república americana

Tropas das forças de aviação dos Estados Unidos desfilando na capital da república. Estas forças estão cooperando com o exército da Guatemala na defesa da costa do Oceano Pacífico e do Atlântico





Um campo de chicle ou goma de mascar, importante produto da economia guatemalense, que encontra enorme mercado nos Estados Unidos.



Ao fundo, o Hipodromo, na Cidade de Guatemala. Uma instrutora de cultura física dirige as colegiais em exercícios que são parte obrigatória do ensino

Em baixo: Frutos do cacauero, de cujos caroços se extrai o chocolate, e que também é um produto de enormíssima aceitação e consumo nos Estados Unidos



das de higiene e saúde pública; aboliu-se a prisão por dívida e foi-lhes garantido o direito à propriedade. Nova legislação social veio regular as horas de trabalho, os salários e impôr outras medidas de justiça e equidade.

Numa época em que se via o mundo presa de generalizada crise econômica, o Presidente Ubico conseguiu equilibrar o orçamento da nação, reduzir a dívida pública e satisfazer regularmente o pagamento dos juros dos títulos federais.

Foi iniciado intenso programa de construção de estradas através de espessas florestas e montanhas que isolavam regiões inteiras do país, concluindo-se quasi 5.000 quilômetros de novas vias de comunicações e transportes que foram criar e desenvolver novos mercados internos. Essas estradas estão hoje servindo para a rápida movimentação de tropas e abastecimentos.

Tanto a construção das estradas como outras referentes a represas e várias obras de utilidade pública, foram custeadas por meio do estabelecimento de impostos que asseguravam o seu pronto acabamento e liquidação.

Anos de perfeita tranquilidade e intenso trabalho construtivo habilitaram a vida econômica da república para amortecer o efeito do abalo produzido pela guerra. Não se manifestou no país deslocamento tão grave como o verificado nos países essencialmente industriais. Uma economia agrária, como a da Guatemala, especialmente quando orientada e desenvolvida de acordo com os métodos modernos e científicos como os que formam o programa agrícola do Presidente Ubico, em execução nesta última década, torna-se capaz de manter um padrão de vida perfeitamente aceitável em tempos de grandes dificuldades. A perda dos mercados europeus naturalmente tem causado sérias preocupações, mas a coordenação das necessidades interamericanas em matéria de produtos agrários, conforme foi estabelecido pela Comissão Consultiva Financeira e Econômica Interamericana, tem contribuído em grande parte para o reajustamento do comércio exterior guatemalense.

Na sua exportação para os Estados Unidos predomina o café, banana, chicle, madeiras de lei, óleos vegetais e couros, sendo que café e banana representam 90 por cento do total. Em 1939, os mercados norte-americanos absorveram 71 por cento desses produtos; do restante, a Alemanha e as "nações ocupadas" importaram 21 por cento. Isto quer dizer que, durante a guerra, a quantidade que antes se destinava aos mercados europeus está sendo agora absorvida pelas nações aliadas.

Nas armas da República de Guatemala, vê-se simbolicamente a gravura de um Quetzal—a "ave da liberdade, e que quando posta em cativeiro, morre infalivelmente. Esse símbolo de uma nação americana fala eloquentemente por tôdas as suas repúblicas irmãs, neste século que consagrará com justiça a hegemonia do Novo Mundo.



A Universidade de San Carlos, em Antigua, é uma das mais velhas instituições de ensino superior no continente americano. Aqui vemos um aspecto do pátio do tradicional edifício



A Cidade de Guatemala é um pouco da tradição hispana transplantada para um planalto americano. Mas a despeito da sua antiguidade, nela se vêem novos e modernos edifícios



Devido à elevação de suas montanhas e quasi impenetráveis florestas,

Guatemala depende grandemente das vias aéreas de comunicações e transportes. A sua linha aérea transporta mais carga por quilômetro, do que qualquer outra linha do gênero no mundo, e com um movimento sempre crescente



Quando estiver terminado o trecho da rodovia panamericana através da Guatemala, e que já se encontra quasi concluído, a república terá cinco mil quilômetros de rodovias de primeira ordem, para tráfego constante sob tôdas as condições de tempo. A construção é feita com maquinismos modernos

FÔRÇAS DE ULTRAMAR

DECIDIDOS a manterem as Ilhas Britânicas e suas bases intermediárias como verdadeiras barreiras inexpugnáveis ao esquema hitleriano de dominação do mundo, os Estados Unidos estão organizando na Inglaterra a sua grande força expedicionária. A escassa remessa de tropas e material bélico que se iniciou com a traição de Pearl Harbor, já se transformou em impressionante avalanche. A Inglaterra está a chegar aviões aos milhares, procedentes das fábricas da Califórnia, Michigan, Maryland e Nova York. Da noite para o dia, surgem os acampamentos de tropas norte-americanas. E fundo nas florestas inglesas, ativa-se febrilmente a construção de aérodromos destinados à aviação militar e que serão usados em seus raids contra a Alemanha. Desde a queda da França, em 1940, que os Estados Uni-

Continúa na página seguinte



As Nações Unidas concentram suas forças para o maior empreendimento militar da história — a batalha da Europa. As defesas germânicas foram postas à prova q 19 de Agosto. A incursão a Dieppe demonstrou a possibilidade de estabelecer-se na costa uma base de operações, assim como de conquistar o domínio dos ares. As forças expedicionárias norte-americanas que estão se acumulando na Gran-Bretanha, crescem em número e equipamento a medida que se aproxima a hora da batalha. A 23 de Agosto alcançou as plagas britânicas o maior comboio procedente dos Estados Unidos. Era tão enorme que foi necessário fazer o desembarque em vários pontos. As tropas recém-chegadas não tardaram em iniciar intenso treinamento para a luta que as aguarda





Após uma viagem sob rigorosa vigilância e sem incidentes, estes soldados das forças expedicionárias norte-americanas desembarcam em solo britânico. O comboio que os transportou foi o maior a fazer a travessia do Atlântico, na zona de guerra em que os submarinos alemães estão em intensa atividade, procurando impedir a participação americana

dos firmaram-se no propósito de manter as Ilhas Britânicas como um baluarte contra o réguilo nazista. Naqueles trágicos dias, quando a Inglaterra aguardava a todo momento o ataque alemão, numa tentativa de invasão, os Estados Unidos apressaram o fornecimento de armas e munições ao exército que havia perdido enorme quantidade de equipamento na batalha de Flandres. E em breve, até a guarda nacional inglesa, organizada sob a emergência, patrulhava, com armas americanas, as praias do litoral.

O primeiro assalto alemão foi a ofensiva aérea cujo fim era destruir a aviação inglesa e preparar o terreno para o desembarque de tropas nazistas. Mas as Forças Aéreas Britânicas mantiveram-se firmes. Goering, então, desencadeou sua fúria com o ataque selvagem às cidades inglesas. Nestas, porém, não se esmoreceu o espírito de reação. E Hitler resolveu atacar no oriente, na Rússia, para garantir a sua retaguarda.

Conquanto houvesse esse fato concorrido para diminuir a pressão contra a Gran-Bretanha, a remessa constante de materiais, em virtude do acordo de empréstimos e arrendamentos, tomou ainda maior impulso; porque fossem quais fossem os resultados da luta na frente russa, para vencer, Hitler teria de conquistar a Inglaterra.

Quando chegou a vez de entrarem os Estados Unidos na guerra, a política do governo que havia se expressado na ajuda material à Inglaterra, traduziu-se na ação militar direta. E assim, começou a ser enviada através do Atlântico a força expedicionária norte-americana.

A marinha coube, então, a tarefa de guardar os comboios de navios que se faziam ao largo, ganhando a sua perigosa rota. O serviço das forças navais que cambióram transportes durante a primeira guerra, constituiu uma honra para a marinha: não se verificou a perda de um simples navio entregue à sua guarda. E até agora, o serviço de comboios

tem seguido seu curso, registrando-se o mesmo sucesso na sua execução. Alguns dos comboios atualmente seguem para a Islândia, mas o grosso das tropas destina-se à Irlanda do Norte, onde os Estados Unidos tem uma base militar estabelecida em Londonderry.

O transporte de um simples soldado e de seu equipamento absorve de 18 a 24 toneladas de navio. Uma divisão de infantaria, composta de 16.000 homens aproximadamente, requer de seis a oito navios. E torna-se necessário número equivalente de navios para transportar equipamento essencial, como os 1.200 ou mais veículos, os obuzeiros de 105 mm., as peças de artilharia pesada, viaturas diversas e ambulâncias. Conquanto uma divisão blindada seja composta de menor efetivo—cerca de 12.700 homens—o seu transporte ocupa o dobro de navios. Numa divisão blindada há os regimentos de tanques pesados e médios, os regimentos de artilharia de campanha, de tropa de choque, batalhões de engenharia e anti-tanques e de serviço de saúde.

Numerosos são os transportes de guerra que eram antes magníficos paquetes, e que as necessidades da guerra vieram forçar a sua adaptação. E a bordo desses navios, todo espaço disponível destina-se a alojamentos para a tropa. Os soldados dormem em camarotes, nas cobertas, salões de bailes, halls, bars e até na piscina. Os camarotes de luxo acomodam 15 homens, sendo necessário retirar as camas e mobiliário e instalar barras e ganchos para macas de lona.

Nas longas viagens, há pouco espaço para exercícios físicos. Nas cobertas, não há as confortáveis cadeiras. Todo espaço livre fica ocupado por soldados que se estiram da melhor maneira, acomodando-se com a situação. Todos ou usam salvas ou permecem onde possam estar ao alcance dos mesmos, na primeira emergência. Até chegar o comboio ao seu destino, os destroyers

sig-zagueiam constantemente no seu serviço de patrulha entre os navios, mantendo contínua vigilância contra submarinos inimigos. Durante a noite, a viagem é feita em completa escuridão a bordo.

Uma vez em porto seguro, seu ponto de destino, as tropas desembarcam e preparam-se para intensos exercícios isolados e manobras de conjunto. As forças blindadas dirigem-se para os piores terrenos da região, a-fim de pôrem à prova a sua habilidade em ação simulada, mas que tem todo o realismo que a natureza do terreno empresta. As demais armas entregam-se aos mesmos afazeres de desenvolverem a sua agilidade e eficiência. A artilharia assesta suas bôcas de fogo em pontos apropriados e experimenta os resultados de novos tipos de alças de mira, de composição de projéteis e outros detalhes importantes ao seu fim. Tropas de infantaria arremessam-se em assaltos violentos, através de espessas cortinas de fumo, aprimorando sua resistência para formidáveis choques que hão-de vir.

A aviação, por sua vez, faz-se aos ares, em contínuas manobras nos céus que lhe caberá também defender. Numerosos são os aeródromos ora em acabamento, especialmente destinados às forças aéreas dos Estados Unidos estacionadas em território inglês.

Em princípios de Julho, o general Dwight David Eisenhower chegou à Inglaterra a-fim de assumir o comando das forças expedicionárias no teatro europeu da guerra. O comandante americano é um verdadeiro tipo de militar, aventureiro, intrépido e que no exército tem se distinguido por seus grandes conhecimentos em matéria de organização militar. Esteve anteriormente nas Filipinas, servindo como assistente do general Douglas MacArthur, e ao tempo de ser indicado para as suas funções de agora, era chefe da divisão de operações militares, do estado-maior. Servindo com o general Eisenhower, como chefe da aviação militar, está o general Carl Spaatz, exímio aviador desde 1915.



Tropas americanas na Inglaterra, à hora do rancho. Os soldados usam o novo capacete de aço adotado no exército e que lhes garante mais proteção que o antigo



Num dos aeródromos ingleses, durante os preparativos de uma Fortaleza Voadora para um raide sobre importantes pontos estratégicos em território alemão. As bombas gigantes que se vêem na gravura são capazes de demolir um quarteirão inteiro, e seus efeitos formidáveis já foram sentidos em raids anteriores nos centros industriais do Reno

A TRIPULAÇÃO DE UM BOMBARDEIRO

O AVIÃO bombardeiro é a espinha dorsal das forças aéreas dos Estados Unidos. O tremendo efeito de suas bombas e metralhadoras pesadas já tem sido sentido por milhares de inimigos, japoneses, alemães e italianos nas linhas de fogo. E a formidável potencialidade produtiva norte-americana está se manifestando no crescente número de seus bombardeiros ora em ação na Europa, no norte da África e no Extremo-Oriente.

Mas, sem o necessário preparo científico de seus tripulantes e a sua organização coordenada para o combate, a capacidade de produzir o maior número de bombardeiros no mundo tornar-se-ia inútil. A fim de fazer com que a ação dos bombardeiros seja a mais eficiente possível em todas as suas missões, a aviação militar dos Estados Unidos prepara seus pilotos e demais tripulantes rigorosamente, ministrando-lhes o perfeito conhecimento técnico indispensável às suas funções e treinando-os como componentes do conjunto de cada guarnição de bombardeiro.

A Fortaleza Voadora Boeing, que é um dos maiores aviões norte-americanos desse tipo, requer nove tripulantes, sendo necessários trinta homens para se conservar o aparelho em perfeitas condições de voo.

A guarnição é composta de quatro oficiais propriamente e cinco especialistas. Os oficiais são o piloto, o copiloto, o navegador e o bombardeador; os demais são dois rádio-telegrafistas, dois mecânicos e um artilheiro. Os oficiais



A Fortaleza Voadora é o mais mortífera das armas aéreas. Foi um desses gigantes aparelhos que, com um carregamento de toneladas de bombas e sem escolta, afundou o couraçado japonês "Haruna", em águas filipinas, no início da guerra



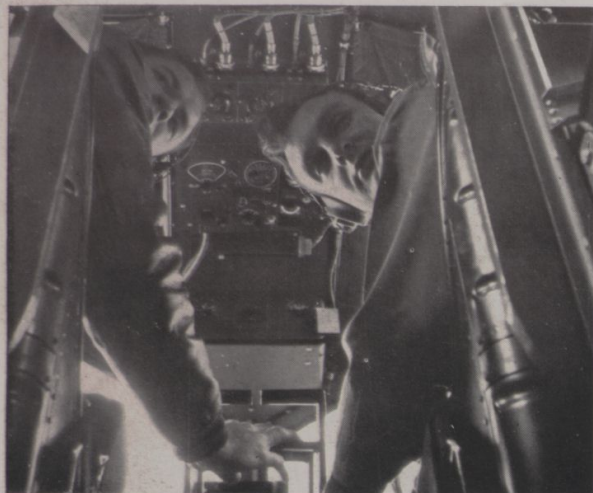
A guarnição de uma Fortaleza Voadora em momentos de repouso numa das bases aéreas na costa do Atlântico. Esses nove homens compõem a tripulação completa de um aparelho, e que consta de um piloto, um copiloto, um bombardeador, dois rádiotelegrafistas, dois mecânicos e um artilheiro



O carregamento de bombas num dos famosos aviões bombardeiros. As bombas que se vêem no primeiro plano são de 50 quilos, mas as Fortalezas carregam-nas de todas as dimensões, inclusive as de duas toneladas, que têm destruído quartéis inteiros em recentes raids contra várias cidades alemãs

Num avião-bombardeiro, ao técnico-assistente e ao rádio-telegrafista, além de suas incumbências técnicas importantíssimas, também compete manejar as metralhadoras pesadas em caso de ataque





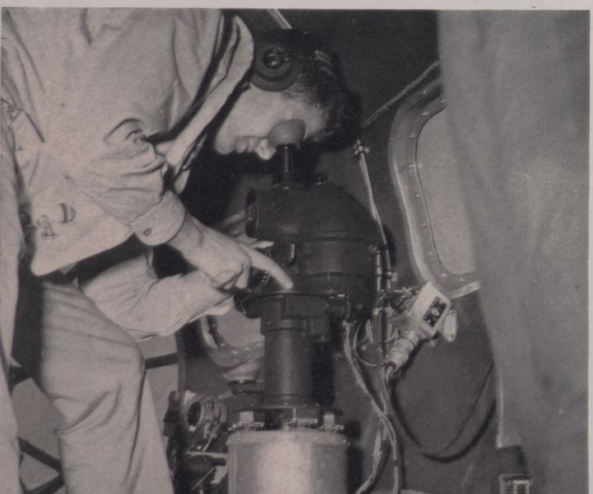
Trabalhando harmonicamente, o piloto encarrega-se dos controles enquanto o copiloto observa os instrumentos, e acompanha a operação de vários aparelhos e mecanismos

encarregam-se de todas as questões referentes ao ataque; os pilotos e o navegador incumbem-se de chegar ao objetivo colimado, e o bombardeador lança as bombas. Conquanto cada especialista tenha sua função determinada, a eles também compete manejar as metralhadoras pesadas, no caso de ataque de aviões inimigos.

A guarnição do bombardeiro, como perfeito conjunto que é, tem sempre em mira realizar sua missão com rapidez e precisão, estudando previamente todas as possibilidades de regresso seguro à sua base.

Antes de partirem, seus oficiais são informados a respeito do objetivo a ser atacado, da rota a seguir e de todos os marcos que facilitam a mesma. Depois de certificarem-se do peso e tipo das bombas necessárias ao fim do ataque, é a sua carga disposta convenientemente. Seguem então, e ao aproximarem-se do ponto designado do bombardeamento, o bombardeador começa a orientar o piloto. E no momento preciso, larga automaticamente a sua carga sobre o objetivo, mantendo sempre a vista na alça de mira, para informar o piloto acerca do rumo a seguir. O piloto coloca o avião em linha de voo, o bombardeador calca outro botão e do bojo do aparelho mais outras bombas se projetam em sua curva trajetória, levando a destruição em vasta escala.

Dada a importância do bombardeiro como arma cuja ação, dos ares, é mais destruidora do que a artilharia pesada, em terra, a preparação da sua tripulação absorve um período de tempo relativamente longo. Mas as provas já obtidas em combate acerca da eficiência dos métodos adotados pela aviação dos Estados Unidos têm confirmado a expectativa das autoridades no assunto. O avião-bombardeiro, no seu complexo conjunto é, inquestionavelmente, uma arma formidável.



Atento aos complicados instrumentos, o navegador encarrega-se meticulosamente da rota do avião durante vôos que às vezes se estendem a seis mil quilômetros



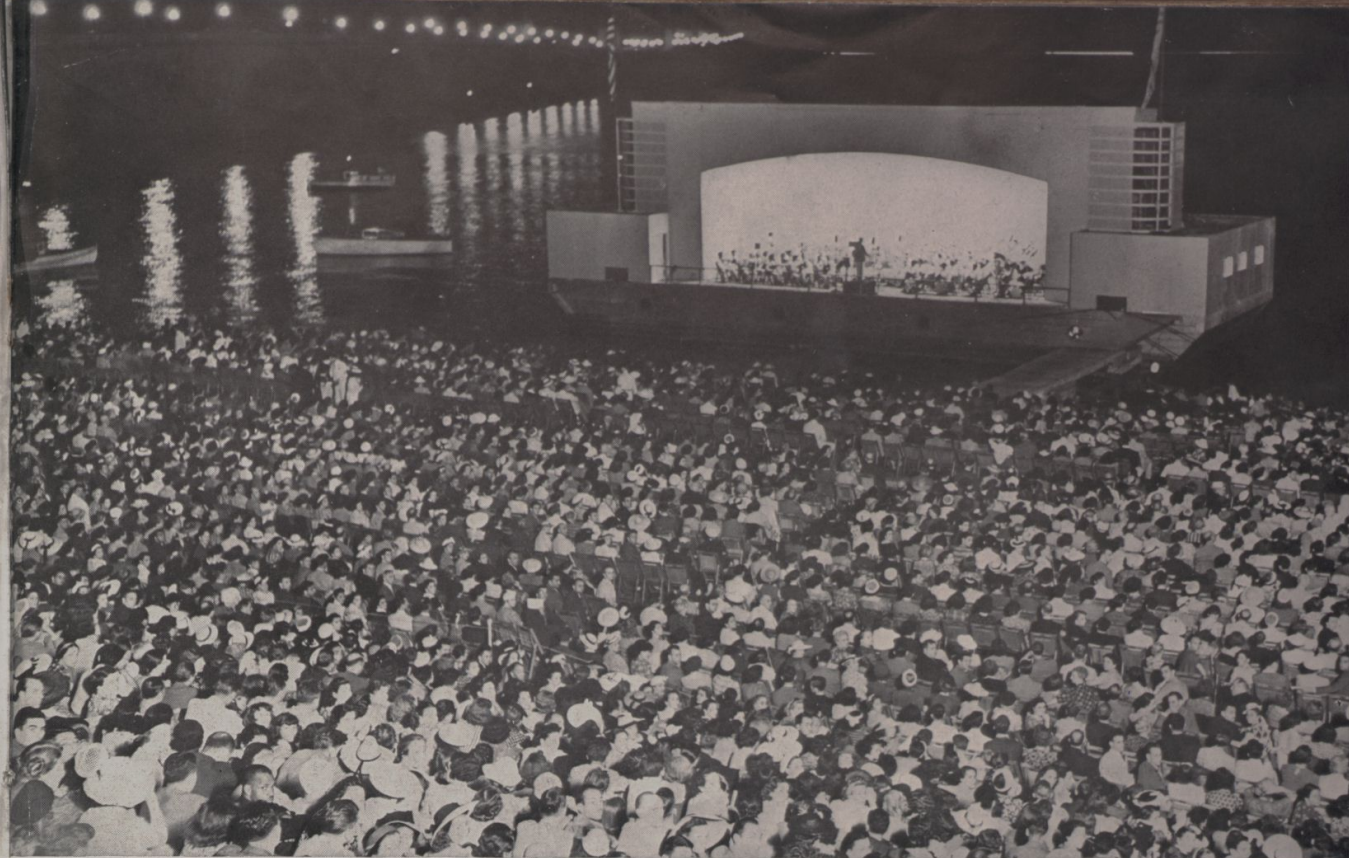
Além de ser técnico competente, o rádio-telegrafista também é perito no manejo das cinco metralhadoras pesadas que compõem importantes armas de defesa do avião



Na proa do avião, tendo em frente uma das famosas e secretas alças de mira, o bombardeador é responsável pelo sucesso, ou fracasso, do almejado bombardeamento



Além de sua constante inspeção aos motores e maquinismos, o engenheiro-mecânico tem de preparar todos os informes e estar sempre pronto para o canhão de torre



O Watergate Stadium onde se realizam concertos públicos, organizados pela Sinfonia do Crepúsculo. Foi aí que artistas brasileiros deram um magnífico concerto.

O celebrado maestro e compositor brasileiro Burle Marx, organizador da Orquestra Filarmônica do Rio de Janeiro, em companhia da soprano brasileira Elsie Houston

SINFONIA DO CREPÚSCULO

EM Washington, durante o verão, três vezes por semana tem o público oportunidade de esquecer-se dos problemas da guerra e entregar-se ao prazer de ouvir boa música. A Sinfonia do Crepúsculo, cujos concertos se realizam no Watergate Stadium, às margens do rio Potomac, tem-se tornado um dos encantos da vida da capital, e gozando grande popularidade. A assistência é relativamente numerosa, atingindo até a 15.000 pessoas, procedentes de todas as camadas sociais, inclusive elementos do corpo diplomático. O programa, selecionado sempre com extremo bom gosto, revela o interesse de dar ao público momentos de agradável passatempo e mantê-lo familiarizado com as joias mais preciosas da arte musical.

A 22 de Julho, os apreciadores da música tiveram o prazer excepcional de assistir a um concerto devotado essencialmente a composições brasileiras e apresentadas por dois distintos artistas brasileiros, Elsie Houston, famosa soprano, e Burle Marx, fundador e diretor da Orquestra Filarmônica do Rio de Janeiro. Tanto Miss Houston como o maestro Burle Marx, já têm familiarizado o público americano com a música regional brasileira. O maestro, que fundou a Filarmônica do Rio no mesmo ano que o Dr. Hans Kindler fundava a National Symphony, tem alcançado merecidos triunfos em sua proveitosa carreira.

A atraente voz de Miss Houston fez-se ouvir em dois grupos de canções, algumas da autoria do maestro Villa-Lobos e outras cujo arranjo foi feito pelo mesmo. A única exceção foi o "Chiribiribi, qua, qua", de Barroso. A cantora fez preceder cada canção de algumas palavras explicativas da sua significação, mas a magnífica expressão da sua voz tornaram as explicações quasi que desnecessárias. Aplaudida entusiasticamente e bisada frequentemente, Miss Houston encerrou o seu programa com quatro de suas famosas canções legitimamente regionais, acompanhando-as ela mesma com o típico batuque.

Na noite anterior, Miss Houston e o maestro Burle Marx, com a National Symphony Orchestra, apresentaram-se em magnífico programa perante uma assistência de 4.000 soldados, em Fort Meade. Esta foi a primeira vez que se fez ouvir num acampamento militar uma orquestra sinfônica. O concerto inaugurou o novo anfiteatro ao ar livre do posto militar, e a não ser por algumas seleções de Beethoven, o programa compunha-se principalmente de música das Américas.





Edward John Kerling

Ernest Peter Burger

Richard Quirin

Heinrich Harm Heineck

Georg John Dasch (em baixo)

Werner Thiel (em baixo)

Herman Neubauer (em baixo)

Herbert Hans Haupt (em baixo)



Em menos de dois meses após terem estes sabotadores nazistas desembarcado de um submarino em litoral dos Estados Unidos, seis eram condenados à morte e executados. Os dois restantes (George Dasch e Ernest Burger) escaparam da pena de morte, sendo essa clemência devido ao fato de se prontificarem eles a prestar informes sobre o caso

A SEGURANÇA INTERNA

OS Estados Unidos estão levando a efeito uma guerra bem sucedida contra agentes inimigos de toda classe: espiões, sabotadores e quintacolumnistas, como aqueles que conseguiram minar a defesa da Polônia, Holanda, Bélgica, França e Noruega, antes de os alemães atacarem. O governo já esperava essas atividades nazistas, graças à sua experiência com os fatos ocorridos durante a primeira guerra mundial. Desde 1938 que havia sido organizado no país um plano para evitar a repetição das sérias sabotagens de 1916 a 1918.

Essas precauções têm produzido resultados satisfatórios, conforme afirmou oficialmente no dia 4 de Julho o Procurador Geral da República, Francis Biddle, que acentuou não se ter verificado nenhum ato de sabotagem de gravidade e em grande escala nos Estados Unidos durante os primeiros seis meses desta guerra.

Uma das maiores fontes de agentes inimigos no país, mas que infelizmente não é única, é a sua população estrangeira, de nacionalidade inimiga — os 1.100.000 alemães, japoneses e italianos. O Bureau Federal de Investigação já lhes vinha acompanhando os movimentos meses antes da guerra, e o número dos considerados suspeitos foi pequeno. Logo após a entrada do país na guerra, os suspeitos foram detidos.

A 30 de Junho deste ano, havia sido detido um total de 4.746 japoneses, 3.120 alemães e 1.521

italianos. O Bureau apreendeu 3.008 armas, 210.000 cartuchos, 1.600 rádios de onda curta e 2.400 máquinas fotográficas, assim como grande quantidade de material fotográfico, explosivos, fotografias, mapas, planos e documentos referentes à defesa dos Estados Unidos.

Os estrangeiros detidos não foram internados sumariamente em campos de concentração pelo período de duração da guerra. Cada um deles teve ensejo de apresentar a sua defesa perante uma junta civil especial. E a decisão final, quanto à sua soltura, livramento condicional ou detenção depende do Procurador Geral.

Quanto aos demais estrangeiros de nacionalidade inimiga, dos quais 99 por cento se presume serem insuspeitos e absolutamente leais aos Estados Unidos, tem sido necessário impôr-lhes certas restrições. Por exemplo, não podem eles ter máquinas fotográficas ou rádios de ondas curtas; não podem estar em áreas militares ou de defesa; só podem viajar com licença especial, sendo ainda obrigados a terem sempre consigo seus respectivos documentos de identificação, com fotografia e impressões digitais. Não se lhes atribui com isso qualquer culpa ou suspeição. Os documentos servem sobretudo para a sua própria proteção; não somente esclarecem a identidade dos estrangeiros, como evidenciam estarem eles cumprindo as determinações da lei. Em grande maioria, os estrangeiros de nacionalidade

inimiga são, de fato, leais ao país que os acolheu. Muitos deles têm filhos servindo nas forças armadas nacionais e com fé de ofício que atesta brilhantemente a sua lealdade — em combate.

Dentre as medidas tomadas pelo governo para garantir a eficiência do programa de guerra, destacam-se:

- 1) Cuidadosa investigação da vida e das atividades dos cidadãos ou estrangeiros suspeitos de deslealdade ou de atos condenáveis, Ficam, portanto, sujeitos às determinações da lei.
- 2) Investigação das atividades dos propagandistas nazistas, resultando daí várias condenações.
- 3) Exame dos arsenais e fábricas de material bélico, a fim de verificar seus pontos vulneráveis e salvaguardá-los contra sabotadores.
- 4) Vigilância rigorosa de pontos vitais referentes ao transporte marítimo e terrestre.
- 5) Prevenção contra a transmissão de informações de certo caráter, dos Estados Unidos para outros países.

A despeito dos extraordinários esforços necessários e das extremas precauções a serem tomadas, a "guerra dentro da guerra" contra agentes inimigos é essencialmente uma ação que se mantém silenciosa e invisível. Só de vez em quando vêm à tona alguns sinais dessa luta, como no caso do julgamento dos oito sabotadores nazistas que desembarcaram à socapa de um submarino. Esses agentes, alguns dos quais eram cidadãos dos Estados Unidos, vinham preparados com dinheiro americano em grande quantidade, explosivos e planos para levar a efeito a destruição de importantes centros industriais e ferro-viários; mas foram tolhidos em seu intento antes de conseguirem causar qualquer dano.



Dinamite de Berlim. Foi desenterrado numa praia na Flórida, onde os sabotadores foram desembarcados para entrar em sua ação depredadora na indústria de guerra



O marinheiro Jack Cullen (à esquerda), da Guarda Costa é elogiado pelo vice-almirante Russell Waesche, por haver contribuído para a prisão dos sabotadores



Autoridades da polícia de Nova York examinam várias armas, máquinas fotográficas e aparelhos de rádio apreendidos em poder de cidadãos naturais do Eixo



Dois dos missionários de Hitler na América. Fritz Kuhn (à esquerda), agora na prisão, cumprindo pena, era o "Fuehrer" de centro germano-americano, cujas atividades nos Estados Unidos eram francamente subversivas



Estes são alguns do total superior a 100.000 japoneses residentes nos Estados Unidos, na costa do Pacífico, e que foram internados em vários campos no centro do país, a fim de evitar qualquer ação de quinta-coluna naquela área

Em baixo: A praia de Amagansett, perto da cidade de Nova York, onde a Guarda Costa surpreendeu quatro agentes nazistas que haviam desembarcado de um submarino e que eram partes na tentada sabotagem em grande escala no país



PELAS AMÉRICAS



O vice-almirante Alvaro Rodrigues de Vasconcelos (à direita), chefe da representação naval brasileira junto à Comissão Mista de Defesa Brasileira-Americana, ao chegar a Washington, a fim de tomar parte em importantes conferências sobre a defesa estratégica da costa. Acompanha-o o vice-almirante A. W. Johnson



Altas patentes do exército e da armada dos Estados Unidos comparecem ao desembarque do general Leiteiro de Carvalho, que chegou a Washington para chefiar a Comissão Mista Brasileira-Americana. Vemos o ilustre general brasileiro (primeiro à esquerda) ao declarar aos jornais cinematográficos: "O desejo do governo brasileiro" para mais íntima e mais



efetiva cooperação tão necessária entre estes dois países para a vitória da grande causa da democracia, é a razão da minha presença aqui." Em sua companhia estão (da esquerda para a direita) o tenente-general J. T. McNarney, sub-chefe do estado-maior do exército dos Estados Unidos; coronel Stenio Lima, e contra-almirante W. O. Speers, da marinha dos Estados Unidos



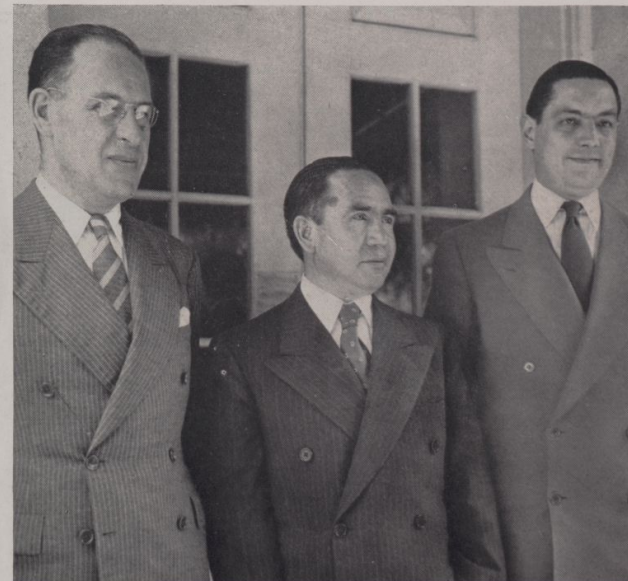
O Presidente Avila Camacho, do México, e sua esposa, examinando alguns dos exemplares dos livros da Biblioteca Benjamin Franklin, na Cidade do México, recém-organizada e instalada para proporcionar ao público um dos melhores meios de intensificar o conhecimento e a cultura recíproca entre os Estados Unidos e o México



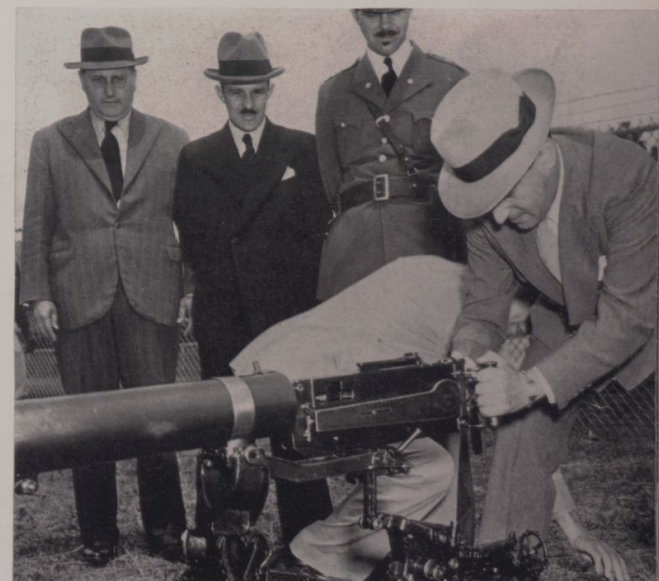
O Dr. Gustavo Cuervo Rubio, Vice-Presidente da República de Cuba, em sua ligeira visita a Nova York, palestra com vários jornalistas a respeito da colaboração de sua pátria na guerra, antes de seguir para Toronto, no Canadá, a fim de tomar parte na convenção do International Lions Club, do qual é ele membro



Por ocasião da assinatura da extensão do acordo de estabilização monetária entre os Estados Unidos e o Brasil, em Washington. Sentados, da esquerda para a direita: Fernando Lobo, Encarregado de Negócios; Henry Morgenthau Jr., Secretário do Tesouro; Francisco Santos, do Banco do Brasil. De pé, Harry D. White, dos Estados Unidos, e Enrico Penteado



Os Drs. Joaquin Espada, Ministro das Finanças da Bolívia (ao centro), e Alberto Crespo, Ministro da Economia Nacional (à direita), ao retirarem-se da Casa Branca, em Washington, depois de uma conferência com o Presidente Roosevelt, na qual se fizeram acompanhar do Dr. Luis Fernando Gauchalla (à esquerda), Embaixador Boliviano nos Estados Unidos



O Presidente Rafael Angel Calderón Guardia, da República de Costa Rica, examina uma metralhadora por ocasião de passar em revista tropas do exército nacional. Auxiliada por uma missão visitante de oficiais do exército norte-americano, as forças armadas da Costa Rica têm sido aumentadas para atender à defesa nacional



Purificadores de água portáteis acompanham as tropas e mantem-nas bem supridas do precioso líquido, mesmo quando estejam elas em pleno combate nas linhas de frente



Toda água estagnada nas proximidades de acampamentos militares é sistematicamente burrifada com soluções especiais, para evitar a propagação do perigoso mosquito



O controle da malária nos acampamentos permanentes é trabalho muito mais complexo. Aqui se vê uma das inúmeras precauções sendo tomadas num dos acampamentos no Estado de Mississippi. Devido a tais providências, a malária é virtualmente desconhecida entre as tropas americanas. Cada soldado incapacitado é mais uma vantagem para o inimigo



Os soldados lavam a sua própria roupa, sob condições hígienicas. Cada um dispõe de uma muda por dia, e o regulamento é muito estrito acêrca dêste detalhe

A SAÚDE EM TEMPO DE GUERRA

DENTRE os soldados mais sadios do mundo, o norte-americano acha-se em lugar de vantajoso destaque; e seus compatriotas civis que êle deixa entregues à tarefa de produção bélica, ficam sob constantes e eficientes cuidados de numeroso conjunto de médicos-especialistas.

Através da história do mundo, os males epidêmicos—que representam um dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse—têm levado a desolação e o infortúnio em muito maior escala que as próprias armas de guerra, principalmente entre as populações civis deixadas à mercê da sorte após o choque das batalhas.

Em meio do conflito armado, nenhum país—e nem mesmo os neutros—têm sido capazes de se considerar garantidos contra as tremendas epidemias que constituem a retaguarda da carnificina da guerra.

Mas agora, felizmente, o moderno conhecimento das causas de muitos dos males epidêmicos e o desenvolvimento de medidas mais efetivas de controle, trazem maiores esperanças de reduzirem-se as consequências das enfermidades durante e depois da guerra. Em verdade, pode registrar-se o fato da eliminação de muitas epidemias anteriormente consideradas como inevitável conclusão da tragédia da guerra.

Nos Estados Unidos, a rápida expansão de seu exército, de um efetivo de 174.000 homens em 1939, para um total de perto de quatro milhões e meio em 1942, veio apresentar ao serviço de saúde do exército sérios problemas, mas

que têm sido solvidos com extraordinário sucesso em todos os pontos do país.

A mobilização em massa de milhares de homens em acampamentos construídos apressadamente, sempre significa a presença de grandes riscos em matéria de saúde. Uma epidemia qualquer, si conseguir ganhar terreno, torna-se capaz de reduzir consideravelmente o elemento militar do país e comprometer as esperanças de vitória.

Durante a primeira guerra mundial, a pressa de armarem-se as nações e a urgência de pôr os maiores efetivos possíveis no campo da luta na frente ocidental, forçaram o agrupamento de grandes massas de tropas em acampamentos mal-construídos, faltos de condições sanitárias adequadas, assim como de água potável e esgotos.

Hoje a incorporação de conscritos no exército dos Estados Unidos espera se completem todas as instalações necessárias ao alojamento da tropa, como salvaguarda da saúde de cada soldado. As barracas atualmente dispõem de todo conforto e dos mais modernos requisitos em matéria de higiene. A alimentação da tropa é um serviço a cargo de especialistas em regime alimentar.

Em 1917 e 1918, a influenza, sarampo, pneumonia, febre tifóide, malária e desinteria incapacitaram grande número de soldados, antes de poderem êles fazer a travessia do Atlântico, com destino às frentes de combate na França.

Hoje, entretanto, a situação é muito diferente. As elaboradas precauções tomadas pelo serviço de saúde do exército, abrangendo a medicina preventiva, alimentação e instalações sanitárias, estão realmente produzindo os melhores resultados.

Durante êstes dois últimos anos de mobilização militar do país, em que dezenas de milhares de homens foram alojados em acampamentos, os casos fatais e de tratamento, devido a moléstias comuns, têm permanecido no mesmo nível reduzido antes verificado no pequeno efetivo do exército de tempo de paz.

Uma verificação das estatísticas de agora, comparadas com aquelas referentes à primeira guerra, oferece impressionantes provas do rápido progresso clínico e da diagnose de laboratório, de novos recursos químico-terapêuticos,

da medicina preventiva e vários aspectos importantes da higiene aplicada.

A febre tifóide, por exemplo, tem sido eliminada. No último ano da guerra anterior, verificou-se uma média de 30 casos em cada grupo de 100.000 homens, com uma ocorrência de cinco fatalidades para cada grupo de 30 enfermos. Na primeira metade de 1941, com o efetivo já calculado em um milhão de homens, verificou-se apenas três casos, sem haver nenhum fatal.

Em 1938, registraram-se 625 casos de variola, com seis mortes para 2.500.000 de homens, ao passo que na primeira parte de 1941, houve apenas um único caso, relativamente brando.

A pneumonia no exército tem sido reduzida pela metade desde 1917, ocasião em que 171 homens em cada 100.000 não conseguiam escapar das consequências fatais.

Atualmente, a ocorrência de moléstias na tropa do exército é consideravelmente mais reduzida do que entre elementos da população civil.

A febre tifóide, em seus casos fatais, tem sido proporcionalmente de quatro vezes mais na população civil do que no exército, onde são observadas à risca todas as medidas uniformes atinentes à higiene, purificação de água e de imunização geral.

De importância tão grande quanto a proteção da saúde do soldado, é a necessidade de salvaguardar a saúde daqueles que se entregam aos trabalhos nas indústrias bélicas, os homens e mulheres que substituem os soldados em muitas ocupações essenciais à manutenção da vida normal do país sob a emergência da guerra.

E neste sentido, excelentes resultados têm sido alcançados, devido sobretudo à ação dos serviços médicos-sanitários da Saúde Pública, com seus milhares de médicos, enfermeiras, analistas e especialistas em medicina preventiva. Alguns detalhes da acomodação do soldado norte-americano noutras regiões de condições e climas tão diferentes, parecem dar a impressão de excesso de conforto. Em verdade, trata-se unicamente de manter o soldado em perfeitas condições de saúde através de medidas preventivas indispensáveis.



Eis um perfeito laboratório-clínico militar sobre rodas. Nêle se encontra tudo que há de mais perfeito e necessário e que compõe o material de qualquer hospital de uma cidade moderna. A eficiência das forças combatentes depende desse particular



Aspecto simbólico do regime de opressão que ora caracteriza a vida na grande capital francesa — tropas nazistas, marchando nos Campos Elíseos, passam sob o Arco do Triunfo, erigido para comemorar as vitórias de Napoleão. Por toda parte, em Paris, vêem-se tropas alemãs de ocupação, assim como os detestados "turistas" da outra margem do Reno

PARIS

SOB A SUÁSTICA

NO subúrbio de Vincennes, em Paris, há quasi sete séculos passados, o rei Luis IX, das Cruzadas, procedia, certa vez, a um julgamento sob majestoso carvalho. Ali, no mundo cruel daquela época, o magnânimo soberano foi um dos primeiros a reconhecer o princípio pelo qual a força do poder, só por si, não constitui direito, mas que o direito exprime um verdadeiro poder.

Nesse mesmo histórico subúrbio de Paris, agora, no século vinte de um mundo convulsionado, soldados nazistas assassinam diariamente patriotas franceses, matam-nos fria e sistematicamente e em número cada vez maior, procurando com esse regime de terror impôr a "nova ordem" baseada no princípio que atribue unicamente ao poder a significação do direito.

Em várias outras partes da França, a chamada "raça superior" manifesta-se em suas execuções e outras formas clássicas de repugnante barbarismo. O propósito, naturalmente, é acovardar os franceses, forçando-os a aceitar, sem mais relutância, as máximas da astuta "nova ordem" de concepção nazista.

Porque os alemães bem sabem que isso é condição de suprema importância para o seu almejado sucesso no esforço de escravizar o mundo. A despeito de suas tradicionais e bombásticas asserções em contrário, reconhecem eles a superioridade da civilização francesa sobre esse amontoado de preceitos do neo-barbarismo nazista. Sabem que o liberalismo ocidental teria de ser destruído, para não "corromper" a "raça superior" que eles alardeiam ser a sua. Insistem, portanto, em levar a cabo a "assimilação" do povo francês. Si, de fato, lhes fosse isso possível, teriam eles realizado uma das mais difíceis, senão a mais difícil de todas as suas conquistas. A razão é que eles, os nazistas, com todos os seus empreendimentos e triunfos de ordem material, carecem vergonhosamente de valores espirituais. E assim, longe de haverem atraído prossélitos à sua



A cidade morta de Paris jaz ante este oficial alemão, que a contempla do alto do Arco de Triunfo. Afamado antes como a povo mais alegre da Europa, o parisiense empenha-se agora na luta sombria contra a fome e a morte, alimentando a esperança de um melhor futuro para a sua pátria

A fábrica de tanques Renault, nas cercanias de Paris, pouco depois da incursão aérea inglesa. Conquanto estejam as suas propriedades sendo destruídas, os franceses aplaudem tais raids aéreos e acenam nervosamente para os pilotos cujos aviões passam céleres, em sua missão de bombardear os pontos estratégicos da ocupação alemã na França





Um soldado da polícia militar alemã manda parar um solitário automóvel francês num boulevard de Paris, para inspecioná-lo. Os automóveis estacionados ao longo do meio-fio pertencem a oficiais nazistas. Para os franceses há poucos automóveis



Mulheres francesas, donas de casa, aguardam em fila, as míseras rações que lhes são distribuídas e observam com amargura as latas de leite vazias, neste armazém, num dos subúrbios de Paris. Todas são forçadas a esperar pacientemente longas horas

estranha causa, têm antes inspirado para a tal "nova ordem" o mais profundo e violento ódio de milhões sem conta, não somente na própria França, como em toda parte onde se apresentam com o seu detestável passo de ganso e o chocalhante préstido de suas divisões motorizadas.

O mundo inteiro está ao par do que vai sendo a imposição dessa doutrina sanguinária a um povo tradicionalmente amante da liberdade — o francês.

As hordas nazistas desencadearam-se sobre a gloriosa Paris. A suástica degradante e autoritária adėja no topo do Hôtel de Ville, estende a sua sombra lúgubre e equívoca sobre as glórias do grandioso Arco do Triunfo e páira sacrilegiamente sobre a tumba do Soldado Desconhecido; mancha com a sua sombra paredes imemoriais, consagradas por séculos de estudo, no Quartier Latin. As famosas calçadas dos cafés da Rue Royale, dos grandes Boulevards e dos Champs-Élysées não mais ecoam, com o primoroso espírito gaulês, as intermináveis discussões a respeito da superioridade da mulher parisiense sobre as suas irmãs menos afortunadas de outras cidades. Méras discussões, são agora "verbotes" — isto é, simplesmente proibidas, e os melhores cafés são reservados exclusivamente para a requintada satisfação da estupefação de nazistas de farda e "turistas" da Gestapo. Não mais existe vida noturna. E aquela multidão garrula que se dava ao insubstituível prazer de perambular entre a Ópera e o Richelieu-Drouot todas as noites, cedeu lugar às esquadras de pesados tacões e mentalidade tancha da soldadesca germânica. O espírito, em sua

forma fina, aguda e cintilante, e que tanto celebrava os cabarets, está sujeito à estrita censura gestaponiana, cujos agentes, por incapazes de perceber idéias leves, fazem sentir o peso da sua prepotência.

Montmartre e Montparnasse deixaram de ser pitorescos. E a Sorbonne pode unicamente ecoar doutrinas ortodoxas da ideologia nazista. Numerosos franceses cujos pais, ou irmãos mais velhos morreram ontem, ou há vinte e cinco anos, em defesa da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, têm de ouvir agora as arengas confusas de algum Herr Professor, a dissertar sobre suas doutrinas de superioridade de raça, tentando justificar a antropatria — contanto que se refira à adoração do espécime nazista.

Aquilo que se passa em Paris, repete-se de uma forma ou de outra em toda a França. A guilhotina e os pelotões a postos para os fuzilamentos, não têm mãos a medir com o movimento. Onde quer que um patriota francês, em desesperação extrema elimine dentre os vivos um nazista qualquer, ou surja o seu bojo entumescido boiando melifluamente nas águas barrentas de um canal, os alemães prendem às céguas dezenas de cidadãos inocentes e submetem-nos à mais cruel e desumana das represálias — morrer por culpa alheia.

Não satisfeitos com essas humilhações impostas ao adversário vencido, os alemães têm se especializado na mais desbragada pilhagem de gêneros alimentícios e tudo mais que lhes parece de imediata utilidade. Despojam assim a "raça gaulesa inferior"

de seus bens mais necessários, mesmo para uma escassa subsistência sob o cruento regime nazista. E tal tem sido a rapinagem do invasor nesse país dado tradicionalmente às delícias da mesa, que a população já enfrenta não somente o espectro da mais cruenta miséria, como também o da fome.

Dessarte, os cidadãos de uma nação de longo e glorioso passado, herdeiros de honrosas tradições em todos os campos do saber humano, vêem-se na clamorosa contingência de viver da mão para a boca, ameaçados de repente extermínio pelos conquistadores de sua pátria, torturados pelo execrando sadismo de uma cáfila de degenerados, e forçados a pagar caríssimo pela presunção de que iriam manter sua liberdade num dos períodos mais críticos da história do mundo.

A França parece haver desaparecido, mas ainda luta. Quando na quietude trágica da noite, a lua destaca a silueta da delicada estrutura do Sacré Coeur, no Montmartre, e o vulto do Pantheon se aviva contra nuvens massiças que rolam sem cessar, e as torres geminadas da Notre Dame deitam sua sombra na ilha que foi o bêrço da cidade acorrentada; e inquietas sentinelas nazista rondam pesada e nervosamente o Boulevard Saint Michel, ao pé da primorosa Sainte Chapelle, cuja espiral ainda se eleva como uma oração aos céus, o espírito de liberdade infirta-se pelas ruas repletas de reminiscências da histórica capital.

Dos séculos já passados, os heróis da França estão a inspirar aqueles que agora, na hora de sua agonia mortal, continuam firmes a lutar por ela.

Depois de dois anos de opressão germânica, os campos de detenção como este, nos arredores da capital francesa, não mais exprimem o terror que antes inspiravam ao povo francês, que tem contemplado de mãos atadas, a ação nazista em toda a França ocupada sob a fôrça bruta. A hora da libertação aproxima-se mais rapidamente do que se supõe



O MAIS MODERNO PORTA-AVIÕES

O "ESSEX" — o mais moderno porta-aviões norte-americano, de 25.000 toneladas, lançado ao mar sem alardes nem fanfarras, prepara-se para ser incorporado à esquadra. É o primeiro porta-aviões a ser lançado ao mar desde a entrada dos Estados Unidos na guerra, e também o primeiro constante do programa naval de construção de

500.000 toneladas desses navios, cuja necessidade já está fartamente comprovada. Devido ao estado de guerra, o lançamento do "Essex" não teve a presença de convidados especiais e do público. Deslizou da sua carreira, às margens do rio James, depois de uma cerimônia de dois minutos, na qual não houve nenhum discurso, mas apenas uma oração.

A UNIVERSIDADE E A GUERRA

MEIO milhão de estudantes, aproximadamente, em cerca de 600 colégios e universidades em todos os Estados Unidos, estão, pela primeira vez passando os dias de verão deste ano em aulas regulares. E perto de 50.000 professores, alheios ao tradicional período de férias, estão, por sua vez, lecionando dia e noite, completando doze meses seguidos de aulas.

Da guerra não escapa nenhum aspecto da vida de uma nação. A vida nos centros de ensino, no comércio e na agricultura teve de submeter-se a profundos reajustamentos para enfrentar o choque causado pela guerra. As mudanças em certas normas e diretrizes verificadas numa famosa instituição de ensino—a Universidade de Virgínia—ilustram a situação que a guerra veio criar em colégios e universidades em todo o país.

A história da Universidade de Virgínia é uma das mais interessantes. A 4 de Julho de 1826—cincoenta anos depois da assinatura da Declaração de Independência dos Estados Unidos—falecia Thomas Jefferson, terceiro presidente da nóvel república e

um dos mais radiantes intelectos da era de reivindicações da liberdade, durante a qual os povos dos Estados Unidos e da América do Sul libertaram-se da dominação européia, para constituírem-se em nações independentes e soberanas do Novo Mundo. A morte de Jefferson ocorreu em Charlottesville, Virgínia, onde a meio caminho da sinuosa estrada que vai ter a Monticello, nome dado por Jefferson à sua bela residência que ele passou trinta anos construindo, há sobre um túmulo uma lage com a seguinte inscrição: "Aqui já Thomas Jefferson, autor da Declaração de Independência e da estátua "Virgínia para a liberdade religiosa", e pai da Universidade de Virgínia."

Na inscrição acha-se omitida pelas próprias mãos do grande estadista, a referência feita aos seus dois períodos presidenciais, assim como a vários outros empreendimentos da brilhante carreira do multi-forme gênio de Monticello. Para Jefferson, aquelas três referências eram as mais significativas e duradouras a respeito da sua contribuição à nação que ele ajudara a fundar, e que ficaria como um exemplo.

Um universitário, futuro aviador militar faz seu último vôo com o instrutor, antes de fazer um vô solo



Alunos da Universidade de Virgínia, do corpo preparatório de oficiais da reserva naval, assistem a uma aula

sobre mecanismo de metralhadoras e sua operação. O instrutor é um oficial da armada, do corpo docente



Um estudante de engenharia experimentando um modelo de avião no tunel especial, no laboratório de aerodinâmica da universidade. Estes aviões são submetidos



a rigorosas provas referentes à sua performance



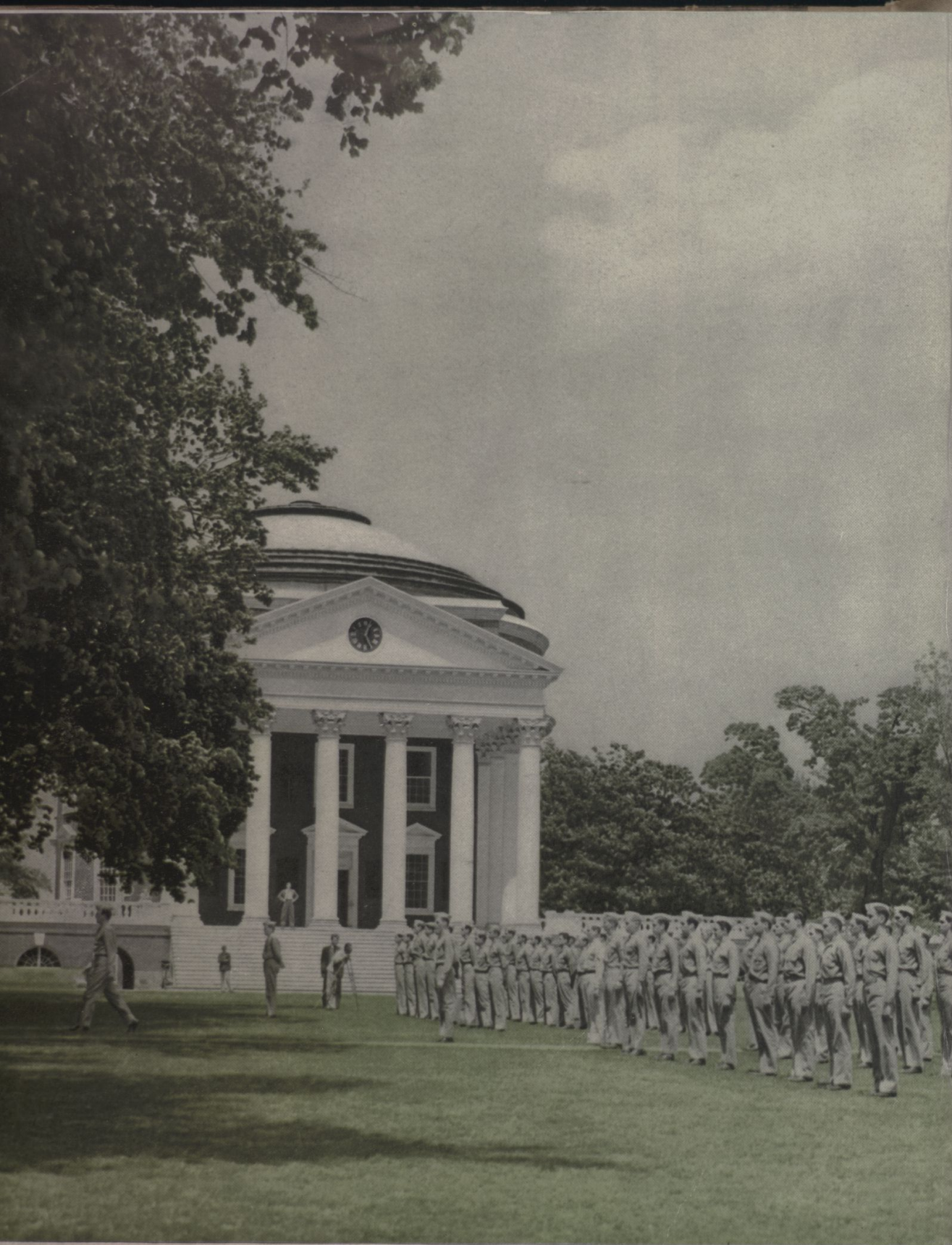
Preparando-se em vários detalhes de navegação, estes futuros oficiais da reserva naval familiarizam-se com o sextante. O estado de guerra não lhes proporciona muito tempo para permanecerem na reserva. Há urgência de oficiais



Universitários, futuros oficiais da reserva naval, em parada. No primeiro ano da organização do corpo preparatório, matricularam-se 200 alunos, e sua expansão está se verificando rapidamente. O curso é adaptado às necessidades da guerra



No hospital da universidade verifica-se grande afluência de doadores de sangue, para preparar transfusões necessárias às forças combatentes. Vê-se aqui uma assistente fazendo a separação do plasma para ser conservado



Os universitários que compõem o corpo preparatório de oficiais da reserva do exército, são passados em revista em frente à famosa rotunda desenhada por Thomas Jefferson, um dos primeiros presidentes dos Estados Unidos, consumado arquiteto e escultor e um dos autores do grandioso documento político que é a Declaração da Independência

Mais, talvez, do que qualquer outra instituição de ensino, a Universidade de Virgínia foi obra de um homem. Jefferson, a quem frequentemente faziam-se referências atribuindo-lhe o mérito de ser um dos maiores arquitetos desde o Renascimento, desenhou os planos para os seus primeiros edifícios e dirigiu a sua construção. Dêle foi também a planificação da organização da universidade, sua administração, regulação interno e métodos de ensino. Além disso, êle escolheu pessoalmente o primeiro corpo docente, no qual se destacavam muitos elementos europeus. Foi êle ainda o primeiro reitor, e com James Madison e James Monroe, dois outros presidentes dos Estados Unidos, serviu na comissão referente aos professores visitantes. A sua personalidade permanece como admirável influência na vida universitária. Hoje, como em 1825, quando se iniciou o curso letivo, com 123 alunos, continúa sendo uma verdadeira universidade de Jefferson. Dentre seus primeiros alunos, destacava-se Edgar Allan Poe, um dos maiores gênios da poesia norte-americana.

Dois característicos da Universidade, que está localizada a 120 milhas ao sul de Washington, a capital do país, há anos que têm causado profunda impressão em seus visitantes vindos de todas as partes do mundo. Em distinção e acabamento arquitetônico, destaca-se como única entre as instituições de ensino superior nos Estados Unidos. O outro aspecto, é o seu código de honra, estabelecido em 1842, e que é criação exclusiva dos universitários; é, por isso, geralmente considerado como uma das mais belas expressões nos Estados Unidos, da capacidade de governarem-se os estudantes a si mesmos, em matéria de norma de conduta. Durante anos e anos, tem êsse código de ética se revestido de uma significação tão elevada da sua magnífica e honrosa tradição, que tem deixado vívida e eloquente expressão em todos quantos têm passado pelos salões da famosa universidade.

Hoje, pela terceira vez em sua história, os amplos gramados circundados pelas colonatas e pavilhões que Jefferson construiu, harmonizam seus ecos do passado com a cadência de jovens do presente em marcha militar.

Com o patriótico fim de contribuir para as necessidades que a guerra impôs à nação, a Universidade, de común acôrdo com centenas de outras afamadas instituições de ensino do país, está empenhada em atender à urgência de elementos capazes militarmente para as forças armadas nacionais.

Além de acelerar o programa normal de ensino, com o fim de facilitar a sua conclusão em três anos, a Universidade mantém um curso para preparar oficiais da reserva naval, com 200 alunos matriculados; um curso preparatório preliminar para a marinha e infantaria de marinha, no qual está matriculado quasi todo o primeiro ano universitário; um curso preparatório preliminar, cujos alunos se destinam ao exército, e ainda um programa de treinamento aéreo, constante de 54 horas de vôo, no aeródromo da Universidade, e aberto à matrícula aos alunos dos anos mais adiantados. Todos aqueles matriculados nesses cursos comprometem-se a servir nas forças armadas da nação, depois de concluírem seus estudos universitários.

Por ocasião da última guerra, o curso médico universitário organizou um grupo que teve a seu cargo um hospital de emergência perto de Paris, e que atendeu a três mil casos, aproximadamente. Hoje, outro contingente médico, composto de 400 voluntários, já está a postos para seguir para qualquer parte do mundo. Na escola de direito, parte de seus estabelecimentos estão à disposição do exército, que aí organizou um curso de especialização para oficiais de administração, destinados a servirem em territórios inimigos ocupados, durante e depois da guerra. O primeiro ano do curso compõe-se de cinquenta oficiais, selecionados de acôrdo com suas qualidades de ponderação e discernimento indispensáveis para as importantes funções de governar povos conquistados.



O "muro-serpentina" desenhado por Thomas Jefferson para cercar alguns trechos dos belos jardins da Universidade de Virgínia, e que constitui um dos aspectos característicos locais, preferidos para ligeira palestra

Estudantes (em baixo) a caminho das aulas, passam pela praça onde está erecta a estátua de Jefferson, famoso trabalho de Moses Ezekiel. Uma reprodução do "Sino da Liberdade" completa o monumento



SARGENTO MENEZES



Cadetes brasileiros de aviação em frente a um hangar no Campo dos Afonsos. Tal como em outros países americanos, a modidade brasileira mostra extraordinária preferência pela aviação militar. A guerra trouxe para o Brasil a necessidade de desenvolver a sua aviação a um ponto que a colocará dentre as mais modernas e melhor equipadas na América

A AVIAÇÃO BRASILEIRA

INSPIRADO nos feitos de Santos Dumont, o desenvolvimento da aviação no Brasil, graças à esclarecida visão do Presidente Getúlio Vargas, tem alcançado grandes surtos em sua expansão militar, civil e comercial.

O Brasil, que já se destaca dentre os mais adiantados países da América em matéria de aviação, terá agora oportunidade de avançar a passos largos no estabelecimento de bases firmes que o colocarão em condições de incluir-se no grupo de nações que dispõem de verdadeira indústria aero-

náutica. Nesse sentido, assinala-se o recente contrato firmado pelo governo brasileiro com a Fairchild Aircraft Corporation, para a construção de certos tipos de seus aviões de treinamento, no Brasil, e com a Wright Aeronautical Corporation, para a concessão de direitos para a fabricação dos motores Whirling. A nova e moderna fábrica brasileira para esses motores, já em adiantado estado de construção, nos arredores do Rio de Janeiro, atesta o início de importante era do progresso da aviação na grande república, e em seu aspecto mais

significativo — o da fabricação de motores, aparelhos e acessórios. A entrega da direção desse estabelecimento fabril ao brigadeiro do ar Antônio Guedes Muniz, criador do famoso avião militar Muniz, de treinamento, empresta à iniciativa todo o valor técnico de que a mesma se reveste. Esse oficial general, que regressa ao Brasil depois de prolongada missão profissional nos Estados Unidos, mereceu nos centros aviatórios norte-americanos as maiores distinções devidas às suas qualidades de perfeito "gentleman" e consumado perito em aeronáutica.

Acentua-se neste momento o reconhecimento mútuo da importância da íntima cooperação, especialmente em aviação, entre os dois maiores países da América. O Presidente Roosevelt teve ensejo de externar-se a respeito, recentemente, quando enviou



O Ministro da Aeronáutica, Dr. Joaquim Salgado Filho, que se acha a cargo da coordenação de todas as atividades aeronáuticas de caráter militar, civil e comercial no país



O brigadeiro do ar Amílcar Pederneiras, que estava a cargo da aviação civil e comercial, até ser nomeado para atender a casos de aviação, no Supremo Tribunal Militar

Um avião construído no Brasil é examinado pelo Presidente Getúlio Vargas e pelo Ministro da Aeronáutica, Dr. Salgado Filho. A indústria brasileira de aviação, com as facilidades técnicas que está conseguindo nos Estados Unidos, em breve tornar-se-á a segunda da América e será decidido fator na defesa do continente e no seu desenvolvimento comercial

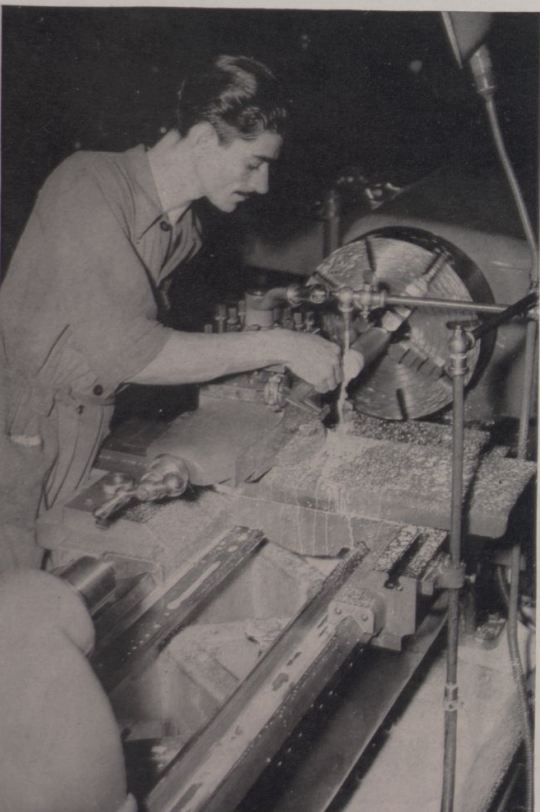


uma mensagem congratulatória ao Presidente Vargas, enaltecendo a coragem e perícia dos oficiais das Forças Aéreas Brasileiras que afundaram dois submarinos do Eixo ao largo da costa do norte do Brasil.

Com extenso litoral a defender, sendo que parte do mesmo situada em ponto que, dentre os de todas as nações do continente, mais se aproxima da região que admite a possibilidade de um ataque ao hemisfério ocidental, o Brasil depende de constante vigilância aérea para manter efetiva a sua defesa. A expansão do seu poder no ar torna-se, portanto, um dos maiores elementos na defesa de todas as Américas.

O progresso da aviação no Brasil prende-se diretamente a três fatores de destaque: o espírito pioneiro de Santos Dumont, que sempre alimentou no Brasil o entusiasmo para prosseguir nas conquistas do grande aeronauta que assombrou o mundo; os problemas de natureza geográfica do país, com um território maior que o dos Estados Unidos, e onde o desenvolvimento dos meios de transportes terrestres é custoso e difícil; e, finalmente, a ação do Presidente Vargas, que compreendeu imediatamente serem as vias aéreas a verdadeira solução de tais problemas, e que não tem cessado de animar a execução dos planos necessários a esse fim. A sua escolha do Dr. Joaquim Pedro Salgado Filho, Ministro da Aeronáutica, e do brigadeiro do ar Eduardo Gomes, para dirigirem o programa nacional de aviação, resultou muito feliz, porque ambos têm revelado extraordinária aptidão para resolver os numerosos problemas da crescente tarefa.

Dêsde 1931 que foi dado à organização da aviação militar brasileira o caráter prático que haveria de mantê-la na vanguarda das forças mais modernas e eficientes. A instrução recebida pelos cadetes na Escola do Campo dos Afonsos é modelada no programa adotado nos Estados Unidos. E o fato de serem os cadetes, ao terminar o curso, designados para desenvolver a técnica de voo, prestando ao mesmo tempo relevante serviço público, no correio aéreo, os habilita a identificarem-se com as vastas dimensões do território nacional e manterem-se em dia com os problemas da arte de voar Cruzando o país até as suas mais remotas regiões, esses aviadores militares brasileiros, que vêm sem os recursos do rádio e frequentemente dispõem de inadequadas informações meteorológicas, têm demonstrado ser o elemento básico em que se apoia o progresso da aviação em sua pátria. Dêsde 1927 que o surto dos serviços de transporte aéreo nacional e internacional no Brasil tem constituído praticamente a maior glorificação ao gênio criador de Santos Dumont.



Um mecânico brasileiro fazendo peças para um aparelho que foi desenhado e construído no Brasil. Trata-se de um moderno avião militar de treinamento



Depois da parada matinal: praças de um dos sete regimentos de aviação, e que está estacionado no Campo dos Afonsos, sede da escola e centro de grande atividade, onde se iniciou o

desenvolvimento da aviação militar brasileira. Daí saíram os primeiros pilotos que muito fizeram para inspirar no público o entusiasmo pela aviação que veio, afinal, dar asas ao Brasil

Aviões brasileiros de treinamento — necessidade essencial que a indústria no Brasil está preparando para produzir em grandes quantidades e dos tipos mais aperfeiçoados



O tenente Augusto Coimbra fazendo uma demonstração de voo cego num avião de treinamento estacionário, dos quais existem vários no Campo dos Afonsos



A aviatrix Anésia Pinheiro Machado, esposa do brigadeiro do ar Appel Neto, comandante da base aérea do Galeão. Tem sido notável o interesse da mulher brasileira pela aviação, já havendo mais de trinta devidamente licenciadas



Um regimento de tanques, composto de "couraçados terrestres" de 30 toneladas se expande em formação de combate, com o apoio da aviação. A indústria de guerra dos Estados Unidos construirá este ano 45.000 tanques e no ano vindouro, 60.000. A execução do programa supera a capacidade industrial de qualquer outro país do mundo

COURAÇADOS DO DESERTO

NOTÁVEIS pelo seu formidável potencial ofensivo, pela sua extraordinária manejabilidade, comprovadamente superior à de seus oponentes e ainda pelas suas couraças tão resistentes, à prova de balas comuns, os tanques "General Grant" representam para a luta no deserto a arma por excelência. Nas várias frentes das Nações Unidas, milhares desses tanques já estão em ação ou se encontram a caminho para sustentar decisivos combates sob quaisquer condições de clima e terreno. E nas várias fábricas norte-americanas que antes

produziam automóveis e locomotivas, continua incessante e em número sempre ascendente, a fabricação de tanques de acabamento inigualável. A superioridade dos possantes "General Grant" tem animado a construção de outros tipos ainda mais aperfeiçoados para o ataque e defesa, de estrutura aero-dinâmica, dotados de canhões de 75 mm. de calibre, em torre central giratória.

Quarenta e cinco mil foi o total estipulado pelo Presidente Roosevelt para a produção dessas poderosas armas, em 1942. Mas ao termo do primeiro

semestre do ano, a quantidade conseguida já se acercava daquela enorme cifra, que surpreende. As composições blindadas ora em preparativos garantirão às Nações Unidas o predomínio nas frentes de combate — desde as planícies congeladas até os areais tórridos de desertos — numa superioridade capaz de reduzir à impotência os conquistadores da Europa e da Ásia.

A missão característica das divisões blindadas é atacar fulminantemente e persistir no ataque. Sua organização está feita de tal modo que pode dispor

do máximo poder ofensivo alcançável com as modernas armas de guerra. Como as divisões desse tipo precisam ser autônomas para operar independentemente a consideráveis distâncias, estão dotadas de seus próprios elementos de abastecimentos de peças acessórias, munição de boca e serviço de saúde. Mas o seu poder ofensivo está concentrado na brigada blindada, composta de três regimentos de tanques e um regimento de artilharia. É um formidável conjunto de tanques, carros blindados, caminhões para tropas e artilharia motorizada.

As fotografias reproduzidas neste número foram cedidas pelas: CAPAS; Bob Leovitt (Pix), Pix, Inc., Press Ass'n., Rudy Arnold 1—Press Ass'n. 3—International, Agencia Nacional 4—Jean Manzon from Black Star, Pix, Inc. 5—Harris & Ewing 6—Acme 7—International, Dmitri Kessel (Life) 8—Acme, Press Ass'n. 9—Official U.S. Navy, Press Ass'n 10—Acme, Press Ass'n. (2), Acme (2) 11—Press Ass'n 12—PM, Harris & Ewing 13—N. Y. Times (Press Ass'n) 17—Ewing Galloway (upper) 18—Press Ass'n 19—Press Ass'n 20—N. Y. Times (Press Ass'n) 21—British Combine, International 22—Rudy Arnold 23—Rudy Arnold 24—Scherschel (Life) 2, Rudy Arnold (3) 25—Acme, International 26—International, Press Ass'n 27—Acme, International, N. Y. Times (Press Ass'n), International, Press Ass'n 28—Acme, U.S. Army Signal Corps, Acme 29—Harris & Ewing, International 30—U.S. Army Signal Corps 31—Press Ass'n, U.S. Army Signal Corps 32—Pix, Inc. 33—International, Press Ass'n 34—Pix, Inc. (2), Press Ass'n 35—Press Ass'n 36—Pix, Inc., Holsinger's Studio 37—Pix, Inc. 38—University of Virginia 39—Virginia State Chamber, Natori from Black Star 40—Jackie Martin 41—Jackie Martin 42—Jackie Martin 43—Jackie Martin 44—Press Ass'n.

Impressionante aspecto da torre da cauda de uma das formidáveis Fortalezas Voadoras—detalhe que poucos pilotos inimigos conseguem observar sem perder a vida. Suas metralhadoras pesadas, capazes de 1.200 disparos por minuto, espalham a morte num raio de quase dois quilômetros de extensão

